

**DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE
QUER CONTAR VII 2023**

Colégio Maria Imaculada

Pertencente à Rede Azul de Educação, da Congregação das Irmãs da Nossa Senhora Imaculada Conceição de Castres, tem sua origem histórica no carisma da Santa Emilie de Villeneuve. No Brasil, o Colégio Maria Imaculada pertence à Província de São Paulo com outras instituições: Colégio Emilie de Villeneuve/SP; Colégio Notre Dame/SP; Colégio Madre Iva/SP; Centro Educacional Emilie; Escola Coração de Jesus; Centro Social Esperança.

Há 41 anos atuando na Comunidade Curitibanense, o Colégio Maria Imaculada tem como propósito o compromisso de promover o desenvolvimento integral dos alunos, pautado na excelência acadêmica e na formação humana. A proposta pedagógica do Colégio Maria Imaculada organiza-se nos preceitos do desenvolvimento integral do aluno e da excelência acadêmica por meio das metodologias comprometidas com a ética e a visão crítica e reflexiva da sociedade, utilizando as novas tecnologias como meio para a aprendizagem dos novos saberes. O acolhimento às famílias e a parceria na formação de seus alunos são os diferenciais do Colégio Maria Imaculada, que proporciona um ambiente escolar de envolvimento, a fim de construir práticas sociais; espaços de discussões; reflexões; acompanhamento e atuações necessárias para o desenvolvimento integral e a construção das aprendizagens.

O projeto

Escrever na escola sempre foi um desafio. Colaborar com a escrita autoral, então, é mais do que isso, inclui criatividade, leitura, organização e muito trabalho. O Colégio Maria Imaculada entende a importância de ações que incentivem a escrita criativa, a construção de repertório cultural e a formação de um sujeito leitor/autor, por isso a autoria é incentivada e possibilitada em vários projetos e um deles é este: Livro de contos.

Apresentar o Projeto Autoria na escola: livro de contos- envolve repensar a lógica da produção de texto e trabalhar no âmbito do desejo de ler textos para construir repertório narrativo, a fim de discutir para além dos conceitos dos elementos da narrativa.

Isso não é tarefa fácil para muitos estudantes que, muitas vezes, não têm o hábito de leitura consolidado. A oferta de leituras interessantes, a discussão, o conto e reconto de crônicas e contos, a análise de textos e a compreensão dos elementos que compõe uma boa história são fundamentais nesse processo.

Somos história e podemos contar histórias nossas que nascem de outras, vividas, ouvidas, lidas... Esse percurso possibilita o retomar leituras de obras clássicas, apresentando ao adolescente narrativas interessantes e envolventes que contribuem para a formação leitora.

Ao escrever, muitos fios são tecidos e a ideia de autoria vai se tornando uma realidade. O texto nasce, não imediatamente, mas aos poucos, devagar, nascendo e renascendo em angústias e alegrias de quem faz algo vivo surgir.

O título “Das verdades e mentiras que se quer contar” nasceu em 2017, quando do início do projeto e simboliza a ideia de conto e reconto de verdades, muitas vezes baseadas em histórias vividas e mentiras que usam repertório e criatividade. A cada ano lançamos um livro, por isso este é o volume VII. No princípio, somente em formato de e-book, hospedado no site da escola e desde 2022, ainda digital, mas também no formato impresso.

Ao longo da criação muitas outras histórias são deixadas pelo caminho, as mudanças de rumo do texto incluem o revisitar de histórias que podem ajudar a compor aspectos mais difíceis da narrativa. Trocar ideias, corrigir, desistir, voltar, retomar, faz parte do processo de criação que pulsa e está pulsando durante dois meses nas aulas de redação. A correção gramatical é partilhada com os alunos que se responsabilizam pelo dizer de sua história e isso é que vale todo o processo e é lindo!

O resultado está presente nas páginas seguintes, muito amor, suspense, alegrias e tristezas em narrativas escritas e possibilitadas no PROJETO AUTORIA do COLÉGIO MARIA IMACULADA.

Katia Zilio (professora de redação)

Sombras do passado

Isabella Faedo Bortolotto

Abri meus olhos e tudo que vi foi um clarão, a luz branca preencheu minha visão, após alguns instantes, percebi que estava em uma cama de hospital e todo meu corpo estava estabilizado. Nesse momento, um médico entrou na sala e começou a fazer perguntas básicas, e para minha angústia, eu não sabia responder nenhuma delas, muito menos meu nome.

As enfermeiras disseram que eu sofri um acidente de carro e fui a única ferida, de um dia para o outro, toda minha vida desapareceu. Em menos de 15 minutos, meus pais já estavam comigo, seus nomes são Marta e Rafael, estavam muito gratos pela minha vida e tentando ao máximo contar fatos sobre ela. Descobri que meu nome é Gabriela, tenho 16 anos e sou filha única.

Em menos de uma semana eu já estava em casa, apesar de nenhuma lembrança, segui tudo que meus pais haviam me dito. Eu acordava, fazia fisioterapia e passava o restante do dia lendo, continuava tendo consultas semanalmente e os médicos estranhavam minha dificuldade para recuperar a memória, alguns diziam que eu nunca recuperaria totalmente, enquanto outros falavam que eu relembriaria conforme vivesse coisas de minha vida.

Alguns meses após “o dia que mudou tudo” eu retornei para a escola, foi como se ninguém me conhecesse, todos me olhavam como estranha e apenas os professores me acolheram, senti como se nunca tivesse ido para escola antes, tive que decorar o horário ainda suportar as piadinhas dos meus colegas.

Após o primeiro mês, meus pais estavam muito felizes com a minha adaptação, tudo estava correndo bem, até fiz amizades. Eu passava o dia todo na escola, quando eu voltava era o único momento que eu ficava com meus pais, por isso tentávamos aproveitar o máximo de tempo possível, lembrando momentos e histórias. Algumas vezes eu até estranhava, pois eles contradiziam algumas delas eu ficava sem saber em que acreditar, principalmente quando eu tocava no assunto sobre o acidente. Então, eu decidi deixar minhas perguntas de lado e viver minha adolescência.

Em uma manhã chuvosa na escola, minha professora de biologia propôs um trabalho envolvendo genética, precisávamos investigar nossos antepassados. Assim, no mesmo momento que cheguei em casa fui procurar nos álbuns de fotos que estavam no quarto dos meus pais e nunca pensei em vê-los antes. Como os dois tinham saído, peguei rapidamente um deles e comecei a observar. Assim que folheei as últimas páginas, meus olhos encheram de lágrimas, não havia nenhuma foto minha e dos meus pais, apenas fotos minhas aparentemente tiradas com longa distância. Comecei a desconfiar de tudo que tinham me dito durante este ano, em nenhum momento descobri detalhes sobre meu acidente, não tive nenhuma mínima memória e ao menos conheci algum parente.

Escutei uma porta se abrir, rapidamente guardei todas as fotos e corri para meu quarto. Logo, me chamaram para jantar, foi a noite mais estranha desde que voltei. Comi em poucos minutos, contudo, quando estava levantando “Gabriela, próxima vez que eu sonhar que você entrou no nosso quarto você nem lembrará qual a cor do céu”.

Com a fala de minha mãe, passei a ter certeza de que algo muito errado estava acontecendo. Na manhã seguinte, estava decidida que iria descobrir a verdade, segui meu dia normalmente na escola, mesmo distraída com meus pensamentos e insegura sobre tudo aquilo que estava acontecendo na minha vida, eu não poderia confiar em ninguém, muito menos em meus pais. Meu dia foi repleto de dúvidas, pensando em uma maneira para que eu descobrisse tudo, começando pelo acidente em que eu perdi a memória.

Quando cheguei em casa, decidi pesquisar sobre os acidentes da cidade ocorridos no dia em que meus pais tinham me dito, 14 de maio de 2018. Eu entrei em todos os noticiários possíveis, nada tinha sido registrado neste dia, eu estranhei imediatamente e comecei a sentir uma pontada no meu coração, estava indo pelo caminho certo. Como não encontrei na cidade, decidi abrir a pesquisa, passando para todo estado, o resultado continuou o mesmo, nada.

Eu não estava encontrando nenhuma informação na internet, o que me causava mais angústia, sozinha eu não iria conseguir encontrar respostas. A primeira opção que pensei foi minha professora de química, Ângela, seu marido era policial, talvez, eu conseguiria alguma ajuda. Nossas aulas são somente na sexta-feira, como ainda era segunda, eu iria precisar esperar toda a semana passar. Neste meio tempo, percebi que Marta e Rafael já estavam desconfiando de minha curiosidade, então, tentei agir naturalmente.

Parecia que a semana não acabava, mas finalmente, sexta-feira chegou. No intervalo, falei com a professora Ângela, enquanto eu contava minha história, sentia uma cara de espanto, aparentemente, ela sabia algo. Combinamos de nos encontrar após a escola na casa dela, eu iria falar com seu marido e ele procuraria nos registros. Até que o dia passou rapidamente, pela primeira vez em dias, eu tinha a chance de descobrir alguma informação, mesmo que pequena.

No fim da aula, como combinado, fui até a casa da professora, que já tinha avisado seu marido, quando cheguei em sua rua, várias viaturas estavam na frente da casa. Pensei que era algo normal, mas assim que entrei na casa, todos olharam para mim, estavam aproximadamente 10 policiais, só tenho a lembrança de um deles dizendo “É ela, encontramos!”. Eu não estava entendendo nada que estava acontecendo, em meio aos meus pensamentos, me aproximei deles e comecei a observar as notícias antigas em suas mãos “Família sofreu acidente de carro e misteriosamente uma de suas filhas desapareceu”, essa foi a última lembrança que tive antes de sentir meu corpo amolecer e um escuro preencher minha visão.

Outra vez, acordei em uma cama de hospital, já estava quase me acostumando com isso. Os policiais me contaram o que tinha acontecido na minha vida no último ano, após o acidente planejado por eles, Marta e Rafael me sequestraram. Por anos eles me observavam e anotavam todos os passos dos membros da minha família. As buscas por mim já estavam acabando, mas

assim que eu contei a história para Ângela ela lembrou da história contada por um dos colegas de seu marido, graças a ela eu estava a salvo.

Percebi que um casal estava entrando no quarto neste momento, eram meus pais, mas como saber se de fato aquele casal falava a verdade e não seriam outros impostores? Esforcei-me para lembrar de algo que me fizesse ter certeza de que seriam mesmo eles, como saber que estas pessoas de fato seriam minha família, dúvidas estas que se acabaram quando vi forma como a mulher remexia nervosa seus cabelos cacheados, neste instante me senti reviver a minha infância e como criança estar envolvida naqueles cabelos cacheados e enrolar com minhas pequenas mãos infantis. Dei um salto na cama e a abracei, nesse momento aparentemente uma estranha, assim que senti seu abraço, pude sentir seu cheiro familiar e que me trazia conforto e segurança, além de uma imensa sensação de paz, pude sentir as suas lágrimas e mais uma vez uma lembrança invadiu a minha mente, uma imensa dor da perda e juntas choramos abraçadas. Naquele momento não sabia do que se tratava, o que vim a descobrir depois era a lembrança da morte de meu avô, uma das lembranças que ajudaram a reconstituir a minha história depois de muitas sessões de terapia as quais, ainda hoje, revelam muitas coisas de minha vida que foram apagadas após o período de trauma.

Um diálogo maluco

Kaio Felipe Homem

- Ei... Você aí mesmo! Onde estou? Em que ano estamos?
- Bom dia, o senhor está perdido? Estamos em Curitiba, em 2023! Pessoal, algum de vocês conhece esse homem?
- Acho que nunca vi esse homem na vida.
- Desculpe, não me apresentei, sou Galard dos Condutores Espaciais. Uma agência que cuida de problemas temporais, ameaças ao universo entre outras coisas, parecido com os policiais dessa época.
- Dionei, você entendeu alguma coisa? Eu não entendi nada. Parece que ele fala outra língua!
- Enfim, conte por que está aqui?
- Alguma pessoa nessa área infringiu a lei de N° 12.457/3022 da Segurança Temporal.
- Cezinha, acho que ele usou alguma droga! Vamos sair daqui!
- Existem drogas nesses anos ainda? Impossível que tenha um apontamento de sinal quântico desse lugar.
- Quântico? acho que já ouvi essa palavra por aí...
- Era o Juninho que vivia falando disso pra gente
- Aaaah, então esse Canetão Neon tá procurando o Juninho? Ele tá morando lá do lado da Mecânica Turbina Boa.
- Agradeço pela informação, homens de 2023.
- Que é isso, por nada!
- Ué? ele sumiu!?
- Galard procura pelo endereço indicado e se teletransporta.
- Acho que cheguei, agora só encontrar aquele que infringiu a lei.
- A mecânica tinha um ar futurista e vintage ao mesmo tempo. Juninho estava conversando com um cliente que retirava o carro já consertado.
- Está pronto, o carro está melhor do que nunca, nada como consertar seu carrão na Mecânica Turbina Boa. Juninho aqui, a seu dispor.
- Parado! Você infringiu a lei N° 12.457/3022 da Segurança Temporal, está condenado a tortura temporal.
- Ué? Como assim?
- Você será exterm...
- Júnior lembra! Vai perder o horário do ônibus!
- Caramba mãe, Que sonho louco!
- Vai menino, se manda!

O transplante

Stephanye Marina Antunes

Maitê acordou tonta da cirurgia, olhou para o local, para ver se o reconhecia.

-Acordou. Está me ouvindo? – disse o médico.

-Sim, só estou meio tonta.

-Isso é normal. Sua cirurgia durou 16 horas e deu tudo certo.

-Ótimo, mas cirurgia do quê?

O médico então, explicou que tinha sido ele que realizara a cirurgia em sua cabeça.

-Por isso essa dor. Eu não me lembro de muita coisa...

-Qual é a última coisa que você se lembra?

-Eu me lembro de estar com a minha família, com meus filhos e meu marido, viajando para Purpuriba e veio um caminhão em nossa frente...O acidente!!

-Qual acidente?

-O acidente de carro. Meus filhos estão bem?

-Acidente de carro? Olha, você pode estar confusa, por conta do pós-operatório, é muito comum. É melhor você descansar para que sua mente possa voltar.

-Não, não é confusão, eu me lembro perfeitamente do acidente eu estava no carro. Eu preciso saber se meus filhos e meu marido estão bem.

-Maitê, você precisa se acalmar, se não, nós teremos que chamar seus pais.

-Maitê? Meu nome é Elizabeth e meus pais são falecidos.

-Eu já disse. É muito comum, você precisa de repous...

Maitê interrompe o cirurgião confusa perguntando – Quem é Maitê?? Cadê meus filhos? Cadê meu marido?

-Você não tem marido e nem filhos. Você tem só 22 anos, não aconteceu nenhum acidente. Seu nome não é Elizabeth! É Maitê.

-Quê?

-Eu já disse que é comum, depois da cirurgia, algumas informações ficam confusas na sua cabeça.

-Eu posso me ver?

-Claro – entrega o espelho – Maitê seu transplante de cérebro foi um sucesso, agora você não tem mais tumor.

-Essa não sou eu! Eu tenho direito de saber quem fez a doação do cérebro?

-Claro, eu preciso verificar. – Sua doadora foi Elizabeth Cooper, professora de 47 anos.

-Elizabeth Cooper, essa sou eu!

-Falecida em um acidente de carro, com sua família. Seus órgãos foram doados ao hospital, para um transplante.

-O quê? Como assim?

Maitê desmaia e bate a cabeça...

Um sentimento inexplicável

Sofia Andrade

Estefani, uma garota de 16 anos, nasceu em berço de ouro, mas isso nunca a fez pensar que era melhor que outras pessoas. Sempre foi muito simpática e gentil, muitos questionavam como a garota era assim, pois seus pais eram pessoas muito egocêntricas.

A família morava em um condomínio de casas de luxo, sua casa era em frente a da família de Marco, seu amigo de infância. Os dois nasceram no mesmo dia, e isso fazia com que eles tivessem uma conexão mais forte ainda. Marco era adotado, e nunca se sentiu pertencente a sua família, preferia passar o tempo na casa da amiga sempre que podia.

Livros de romance faziam Estefani sonhar em viver uma intensa história de amor, ela estava em busca de seu par perfeito. Assim que o ano letivo iniciou, decidiu que essa seria hora de realizar seu desejo.

Tudo estava como sempre foi, mas seu mundo parou no instante que o garoto mais lindo que ela já havia visto entrou em sua sala. Seus olhares se cruzaram e ela o olhou no fundo dos olhos, aqueles que eram mais azuis que o céu em um dia ensolarado. Foi como se o mundo parasse por alguns instantes.

A garota não falou mais nada durante o resto da aula, apenas olhava os lindos cabelos do garoto que sentou em sua frente, estava totalmente paralisada, até que Marco a cutucou e perguntou se ela estava bem, ele se sentiu totalmente estranho quando soube por que a garota estava agindo daquele jeito, seu coração apertou, deixando-o incomodado em saber que sua amiga estava apaixonada, mas assim mesmo manteve naturalidade, aparentando estar feliz por ela.

Estefani finalmente tomou coragem e levantou de sua carteira e foi em direção ao garoto, quando chegou na sua frente a paixão aparentemente era mútua, seus olhos brilhavam ao olhar para ele. Logo descobriu que se chamava Davi, o garoto de seus sonhos. Os dois combinaram um encontro na casa de Estefani no dia seguinte.

Seu primeiro pensamento foi contar para Marco, que por outro lado sentiu uma enorme angústia, até pensou estar apaixonado por ela. Não entendia o porquê de sentir seu estômago embrulhado toda vez que ouvia sobre o tal garoto, porém pensou por mais um tempo. Percebeu que não se tratava de paixão, mas sim algo mais forte.

O dia chegou, o céu estava nublado, repleto de nuvens de chuva, mas isso não fez com que a tão apaixonada garota ficasse para baixo. Já na casa da frente, Marco sentia os batimentos acelerados, um forte aperto no peito, olhava inquietamente para a janela, tentando ver o que acontecia na casa.

A campainha tocou, fazendo eco na casa toda, Davi estava lá, mas algo estranho aconteceu assim que a porta foi aberta, toda aquela paixão que os olhos do garoto passavam, aquilo parecia

ter sumido, Estefani pensou em ser pelo nervosismo, nada parecia como antes. Tinha alguma coisa errada. Davi não parecia o mesmo.

O sentimento falou mais alto e Marco decidiu, então, ver o que estava acontecendo, entrou, subiu as escadas da casa de Stefani com o coração quase saindo pela boca. Foi aí que se deparou com a cena mais assustadora de todas, coisas quebradas pelo chão e tudo escuro, mas o pior foi ver Estefani pendurada pelos braços em uma das pilastras de seu quarto, com o rosto coberto por hematomas. Davi não era um príncipe, mas sim contratado para conseguir entrar na casa da família e roubar seus pertences. O primeiro instinto de Marco foi soltar a garota, mas antes que conseguisse sua visão foi dos olhos de Estefani enchendo d'água, e, por fim, ouvindo um disparo fatal, atingindo a nuca de Marco. Depois disso, Davi fugiu pulando pela janela.

Seus pais chegaram, subindo desesperados para o local onde tudo tinha acontecido. "Filho", quando isso saiu da boca de seu pai, um silêncio tomou conta do ambiente inteiro, Estefani desmaiou.

Acordou no hospital ainda com aquela última palavra tomando conta de seu pensamento, tudo foi esclarecido, Marco e ela eram irmãos, fruto de uma relação entre seu pai e a empregada, algo que acabaria com a imagem da família. Ele prometeu cuidar do garoto em segredo, pois queria vê-lo bem. O mundo dela desabou naquele instante, sempre soube que os pais tinham algo de estranho, mas não imaginava que isso poderia causar a maior dor de sua vida.

Rastros de um enigma

Amabelle Sell

27 de agosto de 2012, dia chuvoso e frio de inverno. Jonathan Medeiros estava em sua espaçosa sala de estar, com tetos altos e grandes janelas. Suas paredes eram revestidas com um papel de parede na cor de madeira. No fundo da sala havia uma lareira que emanava calor, construída com tijolos e coberta de pedras. Ao lado, duas poltronas com o tecido macio e luxuoso, com uma tonalidade verde escuro. Jonathan era um homem novo, alto e misterioso, parecia ser uma pessoa normal, porém escondia grandes segredos.

Seus dias eram sempre os mesmos: acordar, ir ao escritório e voltar para casa. Em um dia comum de trabalho, Jonathan recebe uma nova cliente, chamada Luana Cordeiro. Ela era loira, risonha e muito curiosa, logo, Jonathan já ficou de olho na garota. Pediu seu número de telefone e endereço ao final da conversa.

Antes de voltar para sua casa, Jonathan resolveu passar na de Luana. Observou-a e imediatamente se deslumbrou, tirou diversas fotos e a partir desse dia, esse fato virou parte de sua rotina.

Após alguns dias, Jonathan planeja um encontro de modo que parecesse ser inesperado para a garota. Foi até à biblioteca pública da cidade e “coincidentalmente”, encontrou Luana. Os dois conversaram e Jonathan a chamou para jantar em um restaurante elegante em alguns dias.

Jonathan e Luana trocavam SMS todos os dias. Ela se apaixonou por ele. Finalmente o dia do jantar chegou. Naquela noite, enquanto se preparava para o encontro, a garota sentiu a ansiedade correr pelo seu corpo todo. O seu coração não parava de palpitar aceleradamente. Colocou um vestido de veludo vermelho e um belo salto alto preto. Estava pronta

Chegando ao restaurante, Luana foi conduzida a uma mesa reservada, nela Jonathan esperava. Durante o jantar, os dois conversaram sobre todos os assuntos possíveis, era uma conexão inexplicável. A cada minuto que passava, Luana ficava cada vez mais encantada e atraída pelo homem. Começou a reparar em todos os mínimos detalhes, e alguns deles a deixaram intrigada: as unhas, por exemplo, parecia haver sangue embaixo delas.

Após o jantar, Jonathan convidou a garota para sua casa. Luana resolveu ir. Saindo do restaurante entrou em um carro extremamente chique, e isso a impressionou ainda mais.

Chegando na casa dele, a garota ficou impressionada com a mansão. Entraram e Jonathan a chamou para a sala de estar, colocou uma música calma e ofereceu espumante. Luana rejeitou, mas o homem continuou insistindo até finalmente aceitar. A garota adormeceu após o primeiro gole.

Horas depois, pela madrugada, Luana acordou em cima de uma maca, dentro do porão muito sujo, repleto de sangue. Olhando para o lado, encontrou Jonathan manuseando objetos suspeitos, pareciam ser armas e anabolizantes. Levantou-se e viu uma pilha de garotas jovens mortas, com as mesmas características dela.

Infelizmente, Luana não conseguiu escapar. O homem correu atrás dela, com uma arma, e atirou. Luana não resistiu e morreu na hora. O corpo foi adicionado à pilha de diversos outros cadáveres.

Até os dias de hoje, Jonathan continua assassinando uma série de mulheres todos os anos, com todo o sangue frio que há em seu corpo.

Memórias apodrecidas

Luisa Longhi Boch

Lembro-me lucidamente de estar sentada na varanda da casa de Harry com a visão trêmula, resultado de tudo o que eu tinha misturado naquela noite... Era sempre assim, as festas sempre aconteciam para celebrar um show meu.

Eu era o momento. Estava nos rankings mundiais, era muito adorada e muito elogiada. Amava compor minhas músicas com todo o meu coração, amava as festas que duravam até o dia amanhecer, amava meus fãs, o flash da câmera, a atenção que eu recebia... Era a fama, em sua mais pura essência.

Minhas companhias eram as melhores. Amava as conversas fúteis que duravam horas, os conselhos úteis que por alguma razão eu nunca seguia. Eu era fascinada na adrenalina que antecedia os shows, o glitter, a maquiagem pesada, as roupas de couro marrom que já eram minha marca registrada, com um cheiro de cigarro marcante.

Como de costume, era uma noite quente com breu que me consumia. Aquela noite eu tinha dado tudo de mim no meu show, meu novo álbum estava fazendo muito mais sucesso do que eu esperava, a plateia vibrava meu nome e meus olhos se enchiam de emoção.

Estávamos dentro do carro em nove pessoas. Todos nós cantávamos alto “Vienna” do Billy Joel com as janelas abertas e o vento batia no nosso rosto. Chegando na casa de Harry, vários rostos novos me recebiam com um sorriso enorme... Conhecidos dos meus amigos, pessoas da imprensa, da produção e mais.

Conforme a noite passava, a tontura e a escuridão me envolviam como um véu pesado, e quase não percebi uma sombra masculina que se aproximava vagarosamente de mim com algo na mão. Era um homem, com uma arma.

Eu não o conhecia, mas ele sim. Ele planejava meticulosamente acabar com o meu sonho em uma noite qualquer. A maldade consome a cabeça dos homens, é como uma praga.

O barulho ensurdecador do tiro, a bala atravessando meu peito, os gritos, o meu sangue derramado no chão da festa, e eu estava deitada ali, morta.

O subsolo é frio e escuro, o barulho dos pássaros no cemitério é repetitivo. Hoje não sou mais lembrada, nenhuma flor restou nos vasos. A fama é como um furacão que nos envolve e rapidamente nos deixa no chão sem nada...A doce essência da juventude foi tirada de mim, de maneira repentina, toda minha história, minha feminilidade, meu encanto fora roubado. Minha carne já apodreceu, mas minha consciência perturbada continua aqui, pensando no que seria de mim se tamanha atrocidade não houvesse sido feita.

Arte obscura

Isadora Cruz de Souza

A luz fraca da sala de exposição ressaltava as linhas sombrias e enigmáticas daquela obra de arte. Era um quadro peculiar, capaz de prender atenção de qualquer espectador curioso. A artista encontrava inspirações nas milhões de formas de cada corpo. Sua tela favorita não era um pedaço de papel, muito menos um pedaço qualquer de tecido e sim a própria pele humana. A criadora de tudo aquilo era uma alma feliz, seu sorriso era brilhante como suas obras de arte e ela deixava pequenos rastros de felicidade por onde passava, apesar do tom mórbido de sua arte.

Em uma de suas caminhadas, a pintora procurou por uma nova inspiração, sua arte era expressiva e arrasadora, mas a garota sentia que precisava elevar para outro patamar. Em uma das praças que havia ali perto, percebeu a presença da alma mais serena que já havia visto, seus olhos calmos e expressivos transmitiam uma sensação de conforto imensa para a artista.

Mesmo com sua personalidade tranquila, ela não era mais uma página em branco, seu passado era marcado por situações complicadas, relações turbulentas com membros da sua família a deixaram ressentida, era fácil conversar com ela, mas muito difícil conhecê-la de verdade.

Pensou muito antes de se aproximar daquele espírito tão gentil e tranquilizador que observou por tantos dias, sua curiosidade a estava deixando louca, porém ainda tinha muito medo. Em um momento mágico e transcendental, o encontro entre a artista e sua maior inspiração foi muito mais do que um simples encontro casual. Foi um encontro de almas, uma conexão tão profunda ao ponto de torná-las próximas em poucos meses.

Em um momento de solidão em seu estúdio, a artista se via imersa em uma obsessão sinistra. Estava dividida entre suas crenças e sua arte e não foi capaz de decidir seu futuro artístico, apenas correu ao encontro de sua inspiração mais profunda.

Mas isso não durou muito e seus instintos falaram mais alto e a jovem artista realizou seu sonho. O corpo humano estava novamente sendo uma tela para ela, a alma tão bela que havia conhecido no parque agora virou a tela de suas obras. Tão bela e tão serena, agora era nada mais que um corpo frio e sem vida que inspirava a artista a cada pincelada.

Além do silêncio

Vitor Hugo Turatto Lemos

No pitoresco vilarejo que ficava entre as colinas verdejantes, havia uma pessoa cuja habilidade despertava curiosidade e fascínio para quem o conhecia. Era Breno, uma alma compassiva, gentil, que tinha o dom de se comunicar com os mortos.

Desde sua infância, ele sempre foi sensível ao mundo além do visível. Ouvia vozes sussurrantes e via sombras que pareciam dançar em silêncio. Essas presenças espirituais tornaram-se parte de sua vida cotidiana e ele decidiu usar o seu dom para ajudar os outros.

As pessoas dessa vila logo descobriram a capacidade de Breno e começaram a procurá-lo em momentos de tristeza e luto. Ele trazia consolo às almas aflitas, transmitindo mensagens dos entes queridos que haviam partido. Um coração generoso e sua conexão com o mundo espiritual permitiam que ele oferecesse conforto e orientação, ajudando as pessoas a encontrar paz e encerramento.

Breno entendia que sua habilidade não era apenas um consolo com o além, mas também uma responsabilidade. Ele buscava sabedoria dos espíritos para orientar suas ações no mundo material e proteger aqueles que amava. No entanto, nem todos na vila compreendiam a natureza e o propósito do seu dom. Enquanto alguns reconheciam a importância do seu talento, outros viam-no com desconfiança e temor. Sua capacidade de enxergar além das aparências e entender as conexões mais sutis do mundo ao seu redor era algo que escapava à compreensão de muitos. Alguns temiam que seu dom pudesse ser usado de forma manipuladora ou prejudicial, enquanto outros simplesmente não conseguiam perceber o quão valioso esse presente poderia ser para todos.

À medida que os rumores sobre Breno se espalhavam, um grupo de indivíduos temerosos e supersticiosos começou a considerá-lo uma ameaça. Eles acreditavam que seus poderes estavam além do que é natural e que ele brincava com forças obscuras.

Essas pessoas estavam reunidas em segredo, conspirando contra Breno e planejando sua morte formando uma sociedade oculta com um objetivo sombrio: conspirar contra ele. Movidos por ciúmes, medo ou inveja, eles se reuniam nas sombras, discutindo meticulosamente os detalhes de seu plano nefasto. Cada passo era cuidadosamente planejado, cada membro da sociedade tinha um papel a desempenhar. Por trás de sorrisos falsos e palavras amigáveis, eles alimentavam sua determinação de eliminar Breno, considerando-o uma ameaça aos seus interesses egoístas. No entanto, sua trama macabra permanecia oculta dos olhos de Breno, que continuava sua vida pacificamente, alheio à escuridão que se formava ao seu redor.

Em uma noite escura e sombria, enquanto Breno caminhava pela vila, foi emboscado por esses indivíduos. Sua presença hostil e a atmosfera pesada anunciavam o perigo iminente. Com olhos cheios de medo, eles o cercaram, formando um círculo ao seu redor. Insultos e acusações cruéis eram lançados contra ele, perfurando sua alma sensível. Breno tentou desesperadamente acalmar a situação, compartilhando sua visão de mundo e explicando que seu dom vinha do amor e da compaixão, destinado a trazer luz à escuridão. No entanto, suas palavras caíram em ouvidos surdos e corações endurecidos pela inveja e pelo ódio. Sem piedade ou compaixão, os

agressores avançaram, desferindo-lhe uma facada cruel, um ato final que silenciou sua voz e roubou-lhe a vida, deixando a vila mergulhada em tristeza profunda.

Aquele lugar nunca mais foi o mesmo sem a presença de Breno. Os espíritos silenciaram-se, sombras perderam o seu dançar, e um vazio melancólico envolveu a comunidade. A tragédia serviu como lembrete de como o medo e a ignorância podem destruir o mundo.

Amor que somente a gasolina consegue mover

Vicente Ribeiro Cozer

Eu sou um amigo deste casal e contarei esta história de amor que teve início há mais ou menos quatro anos. Eram duas pessoas de mundos bem diferentes que se apaixonaram. Mas vamos começar por como eles se conheceram.

A mulher, chamada Manuela era delegada, trabalhava em São Paulo fazia já uns 6 anos, o cara se chamava Vicente e trabalhava numa mecânica automotiva e nas horas vagas era piloto de racha e de drift.

No dia 15 de dezembro de 2017, o carro (um Fiat Marea) da delegada quebrou e pelo azar ou sorte do destino ela levou para consertar na oficina que esse jovem mecânico trabalhava, Manu, como gostava muito de carros, chegou já falando o que ela achava que poderia ser o problema do carro. Vicente fala que realmente era o que ela pensava e avisa que em uma semana ficaria pronto.

No dia da entrega do carro ela chega lá já pensando em ver com o mecânico se tem como ele fazer algumas alterações para deixar o carro mais forte. Ele prontamente diz que sim e já aproveita para pedir o número dela para eles conversarem melhor sobre tudo que ia ser feito no carro. E também para ele ir atualizando sobre o projeto até ficar pronto.

Depois de dois meses “internado” na oficina, recebendo seus devidos upgrades a Marea está de volta às ruas na sua máxima e assustadora potência. Manu fica muito satisfeita com o trabalho e ao pagar o serviço, seus olhos e mãos se tocaram. Sentimento estranho...

Era quinta feira, Vicente vai ao encontro semanal no postinho para ver os carros e já mostrar o seu lindo Omega CD, pronto para acelerar. Então chega a delegada acelerando tudo que pôde depois de um longo e cansativo dia de trabalho.

Todos voltaram os olhos para o carro de Manu, pois o ronco daquele motor é único e o mecânico que fez isso funcionar ficaria até orgulhoso de ver que o que ele montou dera tão certo. Novos olhares, aceleradas de motor e de coração. Apostas e corridas, em lugares apropriados para não manchar a reputação da delegada e muitos sorrisos ao pôr-do-sol.

E assim começa a história de dois apaixonados por carros que, ao longo do tempo vão descobrindo tudo que tem em comum, como o gosto por carros antigos, o sonho de terem super carros como Lamborghini ou Ferrari e o sentimento de que os veículos elétricos estão chegando para acabar com um legado incrível que os carros movidos a combustão deixaram e ainda vão deixar por mais algumas décadas. Mas o amor, ah, esse é eterno a cada acelerada.

JUSTIÇA DIVINA

Julia Ferreira

Ando depressa pela rua enquanto seguro minha bolsa com força embaixo do braço. Hoje é dia 29 de abril e o tempo não está pior, talvez seja uma mera coincidência do destino pelo que eu estava prestes a fazer. Acelero meus passos antes que comece a chover, não poderia estar encharcada dentro do tribunal de justiça.

Olho no relógio, são 17h56min e faltam apenas alguns instantes para que a audiência dê início, a possível condenação do homem que matou minha irmã na minha frente.

Penso todos os dias como as coisas teriam sido se tivéssemos pego a outra rodovia, por que minha irmã teve que pagar de heroína como sempre para nos defender? A vida dela valia mesmo dois celulares e algumas cédulas?

Lembro como se fosse hoje:

— Você sempre foi assim, Diana. Criou um próprio mundo pra você e esqueceu que tinha família. Assim que o papai morreu pegou suas coisas e foi para mais longe possível, nunca pensou em nós.

— Não diga o que não sabe. Eu sempre me senti deslocada, diferente de vocês, mas eu segui com a minha vida, estudei, trabalhei, ajudei a pagar as contas de casa e, ainda sim, esse lugar nunca me pertenceu.

Antes de poder respondê-la, três batidas no vidro da porta do carro foram suficientes para que ele fosse estilhaçado e cacos de vidro caíssem sobre o painel.

Eles estavam armados e um deles disse que ia nos matar, pensei que era blefe e mandei minha irmã entregar as coisas dela, mas ela recuou.

— Não vou entregar, acabei de comprar esse celular.

— Droga, Diana, entrega logo o celular.

1, 2, 3 segundos. Esse foi o tempo que levou para que ela tentasse virar a chave do carro e levasse dois tiros na nuca.

Agora eu finalmente farei a minha própria justiça divina, depois de um ano corroendo o que aconteceu, minha irmã vai poder descansar sabendo que tudo o que fiz foi por nós.

Entro no tribunal antes do juiz fazer a leitura da sentença para todos que estavam no local. Não estar presente durante a audiência já foi suspeito, pois eu era a testemunha

que poderia colaborar para que houvesse uma pena maior, mas do que adiantaria isso agora?

Espero de cabeça baixa no corredor para que ninguém me reconheça. Assim que escuto o barulho do malhete, entro na sessão tirando rapidamente a pistola da minha bolsa. Assim como a minha irmã não teve tempo para saber qual seria seu destino, não lhe dei a oportunidade para que soubesse o dele.

Disparo o gatilho e, em questão de segundos, os guardas estão me imobilizando, solto a arma no chão e consigo ver o sangue do criminoso escorrendo pelo chão que estou sendo deitada. Dou um sorriso antes de sentir que estou apagando.

UM DIA, PARA A VIDA TODA

Lucas Torres Faustino

Marina, uma jovem estudante que morava na cidade de Campos do Jordão, era uma aluna dedicada, repleta de sonhos e com uma vida promissora pela frente. Ela estudava na Escola Estadual Santa Luzia, um lugar que deveria ser seguro e acolhedor. No entanto, Marina não esperava que um dia sua vida, juntamente com a de todos os alunos daquela escola, fosse virar de cabeça para baixo.

Numa manhã de segunda-feira, enquanto Marina caminhava pelos corredores externos da escola, deparou-se com uma grande correria. Sem entender o que estava acontecendo, ela foi puxada por uma amiga, que a levou para uma sala onde vários alunos estavam escondidos no fundo. Marina, ainda sem entender nada, perguntou:

- Por que todos estão aqui? O que aconteceu?

Os alunos pediram para que ela ficasse quieta e se escondesse com eles. Criminosos invadiram a escola e já haviam assassinado friamente cinco estudantes e dois funcionários.

Em meio ao pânico e ao desespero, um estudante rebelde, desconfiando que tudo aquilo fosse apenas uma brincadeira de mau gosto, levantou-se debochando e disse:

- Isso tudo é apenas uma "zoeira", podem vir!

Ninguém se moveu do lugar. O jovem debochado ergueu os ombros, bateu a porta e, no momento em que estava prestes a fechá-la, ouviu-se um grito:

- AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!

Um tiro foi disparado, seguido por um silêncio. Logo em seguida, um homem encapuzado e vestindo roupas vermelhas entrou na sala. Era um dos assassinos, que perguntou:

-Acham que isso é brincadeira? O próximo que sair, enfrentará as piores consequências...

Ameaçando os alunos, o homem pegou a aluna sentada ao lado de Marina pelo braço e a usou como refém, mantendo a arma apontada para sua cabeça. Ele saiu da sala com a garota. Os jovens tentaram arrancar a grade da janela. Quando finalmente conseguiram, um barulho alto foi produzido, o que enfureceu o homem. Ele retornou à sala, acompanhado por outro indivíduo com a mesma vestimenta, segurando a garota e um estranho galão. Ao ver o que os alunos haviam feito, ele atirou na garota e jogou seu corpo na frente de todos. Em choque e incapazes de se expressar, permaneceram em silêncio e imóveis. Os dois homens saíram da sala sem dizer uma palavra. Pouco tempo depois, um dos alunos questionou:

- Por que ele trouxe um galão com cheiro de gasolina?

Uma semana depois, no Jornal Nacional... A Escola Estadual Santa Luzia foi incendiada por dois criminosos que cometeram suicídio e morreram com os alunos e funcionários da escola. O atentado resultou na morte de mais de 200 pessoas. A única sobrevivente foi Marina, que não conseguiu prestar depoimento, pois ficou sem a capacidade de falar e está internada em uma clínica psiquiátrica.

Saudades Bucólicas

Bruno Scheffer de Souza

O picumã já ocultava minha visão que antes brilhava mais do que o fogo e que me fizera lembrar da cachaça artesanal produzida no meu fogão à lenha, e em meio à toda essa guerra sinto que não há nada mais fortunoso do que a simplicidade da roça. Não fosse meu filho que aguardava no ventre, jamais teria tal disposição para lutar pelos herdeiros que provavelmente viriam a tornar uma nova guerra pelos mais banais temas. Em uma daquelas noites frias que, para cair gelo somente bastava subir a névoa densa que se formava nas baixadas dos rios, os córregos expunham o perigo onde poderíamos ser contaminados facilmente, aquilo era mais um sinal feito de neblina do que uma revelação empolgante. O meu único sentimento naquela hora era a raiva, que se sobressaía de toda a saudade que eu tinha durante meses lutando.

Não era uma das melhores noites para sair caçar, porém a saudade dos meus costumes primitivos que aprendi com meus descendentes acendeu dentro de mim uma esperança e uma alegria que não poderia ser negligenciada. Esse sentimento começou tomar conta de mim e fez retornar toda uma memória afetiva das várias madrugadas viradas em cima de uma Bandeirante com meus cães americanos foxhound presos por uma fina corda que vivia esticada na angústia de ir buscar os animais. O frio passou, a raiva se dizimou, e uma força exterior me levantou e me fez ir atrás de um jantar no meio da madrugada.

A saudade daquilo que me pertencia fez-me esquecer o deplorável período que vivíamos. E ao ver o primeiro rastro me desliguei de todos os sentimentos externos e voltei toda a minha concentração aos meus instintos. Quase uma hora caminhando e os vestígios ficavam cada vez mais frescos, sabia que estava perto do meu alvo e vi até alguns pelos pardos na barricada inimiga. Cego de saudade passei junto com o animal, o coração pulsando mais forte e a ansiedade de encontrar aquele cervo me palpitava na garganta.

Liguei pela primeira vez a minha lanterna na noite de lua cheia, a névoa dificultava a visão, mas era impossível não enxergar aquele par de chifres com 3 pontas me observando como uma estátua, calmamente me apoiei numa forquilha de pimenteira. E, ao levar o dedo no gatilho, um fuzil com placa dourada com as inscrições do governo do

estado foram mais rápidas e acertaram a coronha do meu fuzil. O forte clarão me cegou e me fez desmaiar. Acordei preso numa cela em meio à selva, no que parecia um acampamento inimigo. A saudade bucólica me fez sair da paz de um fogo de chão para o desespero de um preso de guerra.

ESPELHOS DO TERROR

Lorenzo Sartor Pellizzaro Werncke

Em uma pequena vila chamada Vale das Bananeiras, há rumores de uma casa abandonada entre os moradores. Dizem que a casa é assombrada por um espírito assassino que se alimenta do terror dos visitantes.

Determinados a desvendar o mistério da casa mal-assombrada, três intrépidos amigos decidem dar uma olhada no local. Anakin, o protagonista, é um jovem destemido, forte, alto, que não acredita em histórias de fantasmas, mas está disposto a provar que a casa não passa de algo fictício. Quando eles chegaram à casa em meio a mata, a atmosfera estranha e o rangido das tábuas de madeira sob seus pés causaram arrepios na espinha de seus amigos. Eles caminharam por corredores empoeirados com paredes descascadas mostrando sinais de envelhecimento e objetos quebrados no chão.

Enquanto exploram o sótão, os amigos começam a ouvir sons estranhos ecoando nas paredes: sussurros, arranhões e gritos. O medo invadiu seus corpos, mas ninguém queria admitir. Anakin leva todos a um porão escuro que dizem ser habitado por demônios. A cada passo que davam, a sensação de serem observados ficava mais forte. O ar ficou tenso e todos se sentiram ainda mais oprimidos pela atmosfera do local.

No meio do porão, eles encontraram um espelho antigo coberto por um pano empoeirado ensanguentado. Anakin puxou o pano para trás e sentiu um arrepio percorrer seu corpo ao refletir seu rosto no espelho. Não era ele mesmo quem o olhava, mas um rosto pálido e distorcido. Aos poucos, os amigos descobriram que estavam cercados por espelhos e paredes. Em cada reflexo, eles veem imagens alteradas e distorcidas de si mesmos. O pânico toma conta do grupo quando eles percebem que estão presos em um jogo aterrorizante.

De repente, as velas e lanternas se apagaram, deixando-os na escuridão total. O espelho começou a tremer e rachar, emitindo uma luz sinistra. Gritos ecoaram pelo porão enquanto cada amigo via imagens distorcidas de si mesmo correndo em sua direção, com a intenção de devorá-los. A cada segundo de desespero, os espelhos parecem ficar ainda maiores e mais amedrontadores. Apesar do medo avassalador, Anakin percebe que a única maneira de escapar é enfrentar seu reflexo distorcido. Ele avisa os outros para lutar e se concentrar. Reunindo coragem, eles pegaram um pé de cabra que estava ao chão, martelos e todos os tipos de materiais que poderiam encontrar, correram para os espelhos e os quebraram um por um.

Houve um grito estridente quando o último espelho se quebrou e a imagem distorcida se dissipou no ar. A casa velha tremeu, seguida por um silêncio mortal. Os amigos conseguiram destruir todos os espelhos, libertando todos do pesadelo.

UM SONHO ALÉM DA VIDA

Alan Norifumi Suzuki

A noite estava escura, sozinha, escutava os latidos da rua, um vazio completo e sem rumo, olho para a janela, sem conseguir avistar uma alma sequer. Gritei por ajuda, porém, só consegui escutar os ventos, ao correr, procurei alguém, até que escuto uma voz, em minha cabeça, dizendo "ENCONTRE A LUZ!", logo disparei, corri como nunca, para fugir de algo que nem tinha noção do que era, finalmente avistei uma luz.

Uma luz que ao senti-la exalava um ar relaxante e reconfortante, logo percebi um alívio completo, porém, momentos depois, me lembrei de que não estava em um lugar real, estava no céu, um ambiente completamente irreal, era um mundo de cores vibrantes, onde árvores exuberantes tocavam o céu, e animais encantadores conversavam entre si. Porém, comecei a pensar o porque estava lá. E fui lembrando...

Encontrava-me no meu quarto, sozinho e isolado, sem ninguém para pedir ajuda, olhava ao meu redor, apenas via remédios e mofo, um vazio completo. Então conclui que aquela luz era uma manifestação de esperança, um refúgio para minha alma cansada e angustiada. Ela apareceu para me lembrar que, mesmo nos momentos mais sombrios, sempre há uma luz a ser encontrada.

Enquanto contemplava aquele lugar surreal, percebi que não estava ali por acaso. A voz em minha cabeça ressoou novamente, dessa vez com mais clareza: "Você está aqui para encontrar a resposta que procura." Foi então que compreendi que não era apenas um lugar de beleza, mas também um portal para autoconhecimento e cura.

Compreendi que, apesar de minhas falhas e fraquezas, eu merecia amor e uma vida plena. A luz que encontrei era uma manifestação desse amor incondicional, que estava sempre disponível para mim, mesmo nos momentos mais difíceis. Ao confrontar meus traumas e angústias, encontrei força interior que desconhecia. Aprendi que a verdadeira cura começa de dentro para fora e que, ao abraçar minha vulnerabilidade, posso transformar minha dor em crescimento.

Aos poucos, a luz que me envolvia começou a se desvanecer, e percebi que era hora de retornar ao mundo real. Levantei-me do chão empoeirado do meu quarto, decidido a enfrentar meus demônios e transformar minha vida. Sabia que a jornada não seria fácil, mas agora estava equipado com a sabedoria e a coragem necessárias para seguir em frente.

Poderosa Melodia

Valentim Costa

No Reino de Amún, onde a música era a forma mais poderosa de magia, nasce um garoto chamado Edward. Acreditava que ele tenha o dom para música.

Edward nasceu em uma família pobre, porém apaixonada por música, sentiam uma conexão especial com ela. Desde cedo, encantava-se com sua mãe que tocava harpa e seu pai que contava histórias cantadas junto ao seu violão. Ouvia cada nota e melodia como se elas falassem diretamente com sua alma.

Não muito diferente dos pais, o garoto desenvolveu amor pela música, e apesar de seus pais não demonstrarem nenhum tipo de poder, sua magia começou a despertar desde cedo, o que chocou sua família.

O menino cresceu um pouco e sua fama dentro do reino já aumentara, o garoto resolveu praticar cada vez mais. Enquanto Edward avançava com suas habilidades de tocar violão algo extraordinário aconteceu, uma brisa suave começou a soprar, trazendo consigo algumas flores e frutos. Foi então que ele percebeu que suas notas musicais podiam manipular os elementos ao seu redor.

Surpreso com sua descoberta, Edward decidiu aperfeiçoar seu dom musical. Ele e sua família procuraram a orientação de um mestre da música, o Maestro Rayleigh, conhecido por sua sabedoria e por seus poderes místicos com a música. Rayleigh acolheu Edward como seu aprendiz, compartilhando seus segredos sobre os poderes elementais ocultos na melodia.

Edward passou por um rigoroso treinamento ao longo dos anos. Ele aprendeu a controlar sua energia através da música, a entender as melodias e a se harmonizar com os elementos da natureza. Os camponeses do reino já o conheciam e o queriam como governante, pois achavam que o Reino estaria em boas mãos. Nesse tempo, porém, muito mal havia no mundo.

O reino recebera uma notícia terrível: boatos em que um famoso grupo de poderosos criminosos tinha como objetivo assassinar o rei e tomar posse do reino todo. Edward, não deixaria isso acontecer e resolveu que iria enfrentá-los de uma vez para testar seu poder, porém, chamou um grupo talentoso de músicos para que lutassem ao seu lado, cada um com sua própria habilidade mágica. Sim, haviam outros que também eram músicos e mágicos. Foi a partir de Edward que ficaram conhecidos.

Seu grupo de 8 músicos se prepararam até o grande dia da invasão dos criminosos. Edward então, avista à frente do reino, se aproximando no horizonte, o grupo de criminosos. A toda velocidade, não teriam piedade e iriam atacar com toda a força.

A batalha começou em meio a uma tempestade feroz. Edward liderou a orquestra mágica, conduzindo-os em uma sinfonia épica que canalizava o poder dos elementos. Cada acorde, cada

nota, cada harmonia desafiava o exército inimigo e enfraquecia suas forças. Até que em um ataque organizado pelos defensores do reino, conseguiram mandar todos para longe e acabar com todo o mal. A vitória fora conquistada!

Edward foi convidado pelo rei para servi-lo como guarda real no castelo, junto de seus companheiros. Além disso, o rei, que anunciara sua aposentadoria em breve, pensou que o garoto seria um bom sucessor. As pessoas do reino ficaram animadíssimas e sua família e mestre orgulhosos pela conquista.

Bem vinda Clarice-

Nathalia Sotelo

— Bom dia Harry! Essa é Clarice sua nova enfermeira, ela está aqui para te acompanhar agora.

— Que ótimo, Elise, não aguentava mais aquela enfermeira lerda! Pelo menos resolveu meu problema uma vez na vida.

— Quanta gentileza Harry, bom vou deixar vocês preciso voltar ao trabalho

— E, Clarice, logo eu volto para levar o Harry ao refeitório.

— Prazer Harry me chamo Clarice e a partir de hoje vou cuidar de você!

— Obrigado Clarice espero que me ajude, senão terei que me livrar de você igual fiz com a outra enfermeira. E preciso de um remédio para dormir não aguento mais pensar, pensar... Aliás, esse lugar de louco só está piorando a cada dia.

— Fique calmo, não posso te dar remédio fora de horário, mas converse comigo, por que você está assim?

— Ah como se conversar ajudasse em alguma coisa, você vai me tirar daqui por acaso?

— Bom, você que sabe, posso te deixar sozinho então.

— Não... Eu estou cansado de tudo, não aguento mais essa vida injusta... todos os dias me pergunto por que estou aqui?... Não consigo aceitar isso se Deus existe porque ele deixa isso acontecer? Ontem à noite chegou um homem que matou o amor da sua vida. Ele alega ter feito isso porque estava se sentindo rejeitado e não queria que ela o deixasse. E não entendo por que estou no mesmo lugar que esse cara. Eu não fiz nada. Não aguento mais esse lugar não era para eu estar aqui!

— Harry entenda que a culpa não é sua, infelizmente não temos outra opção.

— Harry vamos, está na hora de comer”. Elise volta ao quarto com a refeição e os remédios.

—Calma Elise.... Já estou terminando.

— Preciso que você tome, e em seguida você termina, vamos!

— Elise, Harry estava me contando que não era para ele estar aqui. Não consegui compreendê-lo, ele diz que não fez nada e não merecia estar aqui

— Clarice não seja tola, esqueci de contar, mas Harry foi abandonado quando era criança pelos pais com 7 anos. O pai era alcoólatra e a ,mãe infelizmente, perdeu-se nas drogas, usou cocaína durante a gestação inteira... Harry nasceu prematuro, Logo que cresceu um pouco não brincava, seus pais faziam ele trabalhar para usar droga com o dinheiro. Por essa razão foi retirado da família e foi para um orfanato.

Quando Harry fez 18 anos teve de seguir sua vida, mas foi lá no orfanato que ele conheceu Louise, uma moça pela qual ele se apaixonou. Ela também teve problemas familiares e foi para orfanato. Eles planejaram fugir, pois Louise ainda não era maior de idade. Quando Harry saiu, ela sumiu na mesma noite. As suspeitas recaíram sobre Harry.

O fato ficou comprovado, ele a matou e hoje, depois de ser internado no hospital psiquiátrico ele conta sobre o acontecido para todos várias vezes. Diz que é inocente, porém as provas dizem o contrário. O caso dele está piorando, os surtos psicóticos fazem esquecer sobre realidade e o tempo. Então precisamos agir com cautela. Aqui não é lugar de inocentes, Lembre-se disso! Aqui é lugar de psicopata: aqueles que deixam rastros de seus delírios...

O roubo da luz

Lara Beatriz Rodrigues

O dia estava frio e o vento uivava fortemente. Eu, como a estrela central do sistema solar, estava me recolhendo para que a noite pudesse chegar. Foi em um céu cheio de nuvens em volta das cores rosa e azul, que a lua se aproximou. Tão fina e frágil, com uma superfície repleta de crateras e um brilho exuberante. Suas faíscas se fundiram às minhas em um momento efêmero, foi um olhar que durou tão pouco, mas que fez meu calor ficar ainda mais intenso e meu coração bater fortemente.

Eu estava apaixonado, mas ela passou por mim tão rápido e iria demorar muito tempo para que eu pudesse vê-la novamente.

De repente, o mundo ficou desanimado e eu já não brilhava como antes, pois ficava cada vez mais decepcionado em não poder ver minha amada novamente. Com tanta saudade, decidi então, que iria esperar o máximo que pudesse a noite chegar para me ligar a ela novamente, quem sabe assim eu conseguiria demonstrar todo meu amor e conquistá-la.

Fiquei aguardando pela lua até que ela me desse um sinal que estava chegando, e isso aconteceu. Todo aquele brilho noturno tomava conta dos meus raios de fim de tarde e eu me sentia cada vez mais envergonhado, não sabia se conseguiria dizer uma única palavra que expressasse minha paixão, mas isso nem aconteceu, ou melhor, nem deu tempo de acontecer. Quando ela chegou de vez, tudo aquilo que me fazia brilhar sumiu, ela havia roubado a minha luz e meu calor. Não existiam mais nasceres de sol e fins de tarde, nem sequer aquela tarde calorosa para as crianças brincarem, os dias tinham acabado. Só a lua brilhava então.

Estava cada vez mais curioso em entender o motivo de tudo isso, a lua tinha me deixado de lado, sem cor e sem raios de sol. Talvez fosse egoísmo, ou ciúmes por eu ter um calor tão intenso. Mesmo com tantas alternativas ainda existiam resquícios da minha paixão por ela, até Apolo chegar.

Apolo era o Deus grego que me representava. Ele se recusava a me ver naquela situação, ele sabia que eu nunca pegaria minha luz de novo, pois ainda estava apaixonado, só restava como opção destruir todas as coisas. Apolo nunca tinha feito algo tão terrível assim, mas como ninguém sobreviveria só de noites, ele acabou com tudo. Não teve explosão, simplesmente tudo que existia deixou de existir, os planetas desapareceram e restou apenas eu e a lua, completamente congelados.

O fantasma

Daniela Camargo Ortiz

Havia uma pequena cidade pacata, aninhada entre colinas verdejantes, onde as pessoas viviam tranquilas sem nunca suspeitar das sombras que se escondiam nos becos escuros. A cidade era conhecida como Vale do Cedro e sua beleza natural parecia esconder segredos sombrios.

Nas profundezas desse lugar aparentemente idílico, havia um homem à solta. Ninguém conhecia seu nome verdadeiro, mas ele era conhecido como "O Fantasma", devido à sua habilidade em desaparecer sem deixar vestígios após cada crime cometido. Suas vítimas eram escolhidas aleatoriamente, homens e mulheres de todas as idades, sem conexão aparente entre eles.

O Fantasma era meticuloso em seu método. Ele estudava suas vítimas, suas rotinas diárias e seus segredos mais profundos. Planejava cada assassinato com precisão, atacando sem piedade quando menos se esperava. Ninguém era seguro em Vale do Cedro, todos viviam com medo constante, sempre olhando por cima do ombro.

Enquanto a polícia local tentava desesperadamente encontrar pistas que levassem à identidade do assassino, o Fantasma continuava seu reinado de terror impune. Ele se deleitava com a sensação de poder que tinha sobre a cidade, sabendo que ninguém suspeitava dele.

No entanto, o destino tinha outros planos reservados para o Fantasma. Em uma noite chuvosa e tempestuosa, ele escolheu sua próxima vítima: uma jovem chamada Emily. Ela era uma mulher corajosa e destemida, conhecida por sua inteligência e determinação.

Desconhecendo a ameaça que a rondava, Emily caminhava pelas ruas escuras, segurando firmemente seu guarda-chuva. O Fantasma a observava das sombras, planejando seu ataque. Mas, à medida que se aproximava, algo estranho aconteceu.

Emily virou-se de repente, olhando diretamente para o lugar onde o Fantasma estava escondido. Seus olhos se encontraram, e por um instante, o serial killer sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Havia algo diferente em Emily, algo que ele não conseguia entender.

Com uma coragem que o assombrou, Emily se aproximou do Fantasma e falou com uma voz firme: "Eu sei quem você é. Seu reinado de terror está chegando ao fim."

O Fantasma ficou atônito, incapaz de responder. Emily revelou que ela própria tinha passado por uma tragédia pessoal nas mãos de um assassino. Ela estudou cada crime,

cada pista deixada para trás. E agora, ela estava pronta para enfrentar o Fantasma e colocar um fim em sua onda de terror.

Assim que ele olhou para trás, já era tarde, ela havia chamado reforços. Aqueles que clamavam por vingança, por todas vidas perdidas em vão. Seus dois parceiros, Audrey e Marcos, se juntaram a Emily para colocar um fim no fantasma.

Enquanto Emily funcionou como distração eles o amarraram e levaram para um apartamento próximo ao beco de onde estavam. Lá, sem piedade o fantasma, conhecido como Damon, prefeito da cidade, foi torturado. Começaram arrancando com um alicate cada uma de suas unhas, Damon esbravejava de tanta dor, teve seu rosto deformado, o corpo repleto de hematomas causados por um bastão, enrolados em arame farpado. Aquele guarda-chuva que Emily mantinha consigo, ela o cravou com tanta força em seu peito que nem um último suspiro foi contemplado. Justiça foi feita! Será?

O Contador de histórias

Daniel Scarambone Sordi

Em uma pequena casinha no interior, morava um velho homem com cabelos rasos e esbranquiçados e uma face pálida, era conhecido carinhosamente por todos como Lelo e, junto com ele, morava seu jovem neto Pedro, um menino sonhador, extremamente criativo. Seu maior passatempo era partilhar histórias com seu avô. Passavam horas em dois banquinhos de madeira na varanda conversando, Pedro ficava admirado pelas histórias e contos que Lelo contava, mesmo sabendo que algumas eram exageradas ou fora da realidade. Ele se sentia envolto em todas aquelas experiências e os cenários que eram formados durante a contação, seu carisma e o jeito de seu avô eram contagiantes o suficiente para todos aqueles que escutassem se sentissem dentro da história.

Pedro já estava no último ano de escola e seu avô Lelo vivia perguntando o que queria se tornar quando adulto, mas sempre era respondido por um silêncio coberto por incertezas. Infelizmente, além de ter que lidar com a pressão das decisões futuras e o início de novas responsabilidades, o rapaz também tinha de cuidar de seu avô que estava muito doente devido a fatores da idade, porém ainda lúcido.

Surpreendido por várias ligações, Pedro sente seu celular vibrar sem parar em seu bolso por causa das ligações e mensagens que estava recebendo. Atendeu e ao aproximar o telefone do ouvido, assustou-se com os gritos de sua vizinha na chamada, avisando que seu avô estava passando muito mal e para ele voltar com urgência para casa. Sem responder uma palavra sequer, Pedro desliga o telefonema e imediatamente começa a correr.

Com a respiração ofegante, o jovem chega ao seu lar e sem hesitar vai em direção ao quarto ver seu avô. No sereno daquele cômodo, estavam presentes alguns vizinhos que ao ouvirem gritos de agonia se aproximaram do local. A ambulância estava a caminho, mas por se tratar de um lugar isolado, era difícil a possibilidade de chegar a tempo e, ao perceber isso, Pedro em lágrimas e segurando sua mão com ternura, pede para todos se afastarem para ter um último e breve momento com seu avô

Interrompido por suas tosses, Lelo pede para que não chore, dizendo a ele para sempre continuar a ser um bom garoto e que sem dúvidas, acharia seu caminho na vida. Sabendo que havia pouco tempo, o avô se vira e diz que lhe contará uma última história para que o neto não se sinta mal e sempre tenha uma visão feliz e boas lembranças sobre ele. Pedro, com um nó na garganta, olhou nos olhos cansados de seu avô, ansioso para ouvir a lembrança a ser contada.

Não era uma história qualquer, era uma memória dos dois em mais um de seus dias de conversa na varanda daquela pequena casa, um momento especial apenas deles.

"Lembra-se daquele verão quente, quando as flores do jardim dançavam ao vento e o sol nos acariciava com seus raios dourados? Naquela tarde, enquanto admirávamos o pôr do sol, eu te contei sobre o valor da perseverança. Disse a você que a vida é repleta de desafios, mas que é preciso encontrar forças para continuar", disse Lelo, com seus olhos encontrando os de seu neto. Pedro sorriu, lembrando-se das palavras sábias de seu avô e de como aquelas conversas na varanda os aproximaram ainda mais.

"Naquele momento, eu percebi o quanto você era capaz. Eu sabia que você se tornaria um homem corajoso e resiliente, capaz de enfrentar qualquer obstáculo. O orgulho que eu sentia por você transbordava em meu coração e me enchia de gratidão por ter você em minha vida", Lelo falou com emoção, seus olhos brilhando com a lembrança.

Enquanto Pedro ouvia atentamente, uma sensação estranha começou a se instalar em seu peito. Envolto em um misto de sentimentos e memórias em sua mente, Pedro percebeu que o avô estava em silêncio, sua mão estava fria e imóvel; a hora de despedida chegara. Um momento de pânico se seguiu quando Pedro percebeu que seu amado avô havia partido, justo naquele momento, enquanto compartilhava uma lembrança tão preciosa.

No entanto, o jovem sabia que o avô havia partido para um lugar melhor, onde suas histórias e ensinamentos continuariam vivos. Ele guardaria para sempre aquela última lembrança compartilhada, um momento de conexão profunda que transcende a separação da morte. Anos depois, a lembrança daquela história, mesmo em meio à tristeza, tornou-se um farol de inspiração para Pedro, que se torna um grande escritor local que agora escreve as histórias passadas por seu avô, vivendo uma vida corajosa e perseverante, assim como Lelo sempre acreditou que seria.cxvc

Na sombra da escuridão

Guilherme Caus Brocardo

Tudo começa em uma noite, numa pequena cidade no interior da Alemanha, chamada Leipzig. Ela era conhecida pelos seus belos campos, paisagens naturais e flores coloridas que rondavam os jardins das velhas casas. A cidade parecia estagnada em um único tempo, onde a vida era simples e os laços comunitários eram valorizados. As ruas de terra eram rodeadas por casas de madeira, cada uma com sua própria história gravada em suas paredes envelhecidas. Naquela noite, o vento assobiava e a poeira das estradas rodava pelos ares, a pequena cidade parecia mais um deserto. Nesse município havia um presídio, uma prisão local, conhecida por sua segurança impecável, ela guardava os criminosos mais perigosos do país. Dentro das celas, os prisioneiros viviam silenciosamente, aguardando a liberdade impossível.

A ronda noturna, era a mais metódica, com duas chamadas pelos nomes dos prisioneiros durante a noite e a madrugada. A prisão era constituída por 193 presos e 68 guardas, que estavam aptos e treinados para qualquer situação de desrespeito ou desconfiança. Na ala B, oposta da A, ficavam os prisioneiros mais perigosos, aqueles que possuíam a maior pena, alguns até com prisão perpétua. Dos 193 presos, 82 dos mais perigosos, ficavam na ala B, 3 deles estavam com planos para a semana. Entre eles, havia John, “a mente do plano”, um assaltante de banco, que adorava planejar roubos e fazer os cidadãos inocentes de reféns, acusados de roubo e homicídio. Ao seu lado, havia Victor “a força bruta” entre os presos, sua ficha incluía casos de estupro, 8 homicídios qualificados e assassinatos realizados sem nenhum tipo de arma, literalmente com socos e chutes. Para completar o trio, estava Peter “o ladrão dos esquemas”, roubando tudo o que se pode imaginar de pessoas inofensivas.

Os três sabiam que a fuga seria arriscada, mas estavam dispostos a enfrentar qualquer obstáculo. Planejaram milimetricamente cada detalhe. Poucos presos sabiam, mas John, era engenheiro, e ele mesmo havia feito toda a planta da cadeia, inclusive todos os canos e tubulações. O trio estudou durante várias noites, principalmente, o comportamento dos guardas, os padrões de patrulha e as possíveis rotas de fuga. O objetivo era escapar sem deixar rastros, para que pudessem desaparecer nas sombras e recomeçar suas vidas criminosas em outro lugar.

Chegou a noite da fuga. Enquanto os guardas estavam distraídos com o tumulto na ala A planejado por uma falsa fuga no hospício, o trio aproveitou a oportunidade. Arrombaram as portas das celas e começaram sua jornada pela liberdade. Cada passo era cauteloso, cada respiração era silenciada. Eles sabiam que qualquer barulho poderia atrair a atenção dos guardas e acabar com seus planos. À medida que avançavam pelos corredores e tubulações escuras, o medo e a adrenalina se misturavam dentro deles.

Cada esquina parecia esconder uma armadilha, cada sombra poderia ser um inimigo à espreita. Os minutos se transformavam em horas enquanto eles avançavam sorrateiramente, chegando cada vez mais perto da saída.

Finalmente, eles alcançaram a porta que os separava da liberdade. Com as mãos trêmulas, Victor pegou um gancho improvisado e começou a abrir a fechadura. O som metálico parecia ecoar pelos corredores vazios, aumentando a tensão a cada segundo. John e Peter mantinham-se alertas, prontos para reagir a qualquer sinal de perigo. Com um estalo, a porta se abriu. O trio saiu cautelosamente para a noite escura, sentindo o ar fresco preenchendo seus pulmões, uma sensação extraordinária, nunca sentida antes. Uma chuva de balas atravessou o ar, atingindo-os impiedosamente. Os guardas derrubaram o trio ao chão, outra sensação nunca experimentada antes, a de suas vidas escapando de seus corpos enquanto o sangue manchava o chão.

A fuga que deveria libertá-los resultou em suas mortes. Os sonhos de liberdade foram substituídos pelo frio abraço da morte. A cidade nunca saberia que os mais perigosos criminosos da prisão haviam escapado, pois eles encontraram seu fim prematuro naquela noite sombria. O sol nasceu na manhã seguinte, iluminando a cena macabra. Os corpos sem vida dos fugitivos jaziam ali, um lembrete sombrio de que o destino às vezes é implacável. E assim, a história da fuga da prisão e sua trágica conclusão se perderam nas páginas esquecidas do tempo, um segredo sombrio guardado pelos corredores vazios e pelo eco das balas numa bela cidade da Alemanha.

Entre sombras e segredos

Isadora Scolaro Ribeiro

Michael e Laura, um casal de meia-idade, estavam casados há dezessete anos e decidiram fazer uma viagem de trailer em família. Michael era um homem alto e atlético, com cabelos castanhos e olhos verdes. Laura era uma mulher de estatura média, com longos cabelos loiros e olhos azuis penetrantes.

Emily, a filha mais velha, tinha 16 anos. Ela era uma adolescente de cabelos escuros e olhos expressivos, que demonstrava uma personalidade independente e inteligente. Tyler, o caçula, tinha apenas 7 anos, com cabelos loiros e um sorriso travesso.

A viagem começou no estado do Missouri, onde eles viviam. Decidiram explorar alguns estados vizinhos dos Estados Unidos, procurando se afastar do estresse cotidiano e criar memórias felizes juntos.

- Não consigo acreditar que você esqueceu de pegar o mapa. Como vamos nos guiar agora?- disse Michael.

Laura, surpresa e desapontada consigo própria diz:

- Desculpe, Michael. Foi um descuido meu. Podemos parar em um posto de gasolina e pedir informações.

- Isso não é suficiente, Laura. Você sempre parece distraída ultimamente. Precisamos estar atentos se queremos que essa viagem dê certo.

- Calma, pai. Todos nós cometemos erros. Vamos encontrar uma solução juntos- diz Emily, tentando acalmar o pai.

Tyler também repreende opai:

- É verdade, papai. Não fique bravo com a mamãe. A gente dá um jeito.

-Desculpe, pessoal. Estou apenas um pouco estressado com tudo o que tem acontecido ultimamente. Precisamos trabalhar em equipe e superar esses obstáculos juntos.

-Eu entendo, Michael. Vou prestar mais atenção daqui para frente. Vamos seguir em frente e aproveitar o tempo que temos.

- É isso aí! Vamos transformar essa tensão em motivação para tornar essa viagem especial. Acredito em nós.

- Concordo, filha. Vamos deixar o estresse para trás e focar no que realmente importa: o amor e a união que temos uns pelos outros.

Enquanto dirigiam por uma estrada cercada por uma exuberante vegetação, depararam-se com uma grande árvore caída que bloqueava a passagem. Alguns corvos pairavam no ar, criando uma atmosfera sombria e sinistra ao redor. Eles tiveram que dar meia-volta e procurar outro caminho para seguir em frente.

O novo caminho levou-os a um pequeno vilarejo pitoresco, com ruas sinuosas e casas antigas de madeira. Eles deram várias voltas pela vila, tentando encontrar uma saída, mas todas as estradas pareciam levá-los de volta ao mesmo lugar. A sensação de estar preso começou a incomodá-los.

- Michael, estamos andando em círculos. Não conseguimos encontrar uma saída dessa vila. Estou começando a ficar preocupada.

- Eu sei, Laura. Isso está ficando estranho. Parece que as ruas estão nos levando a um labirinto. Precisamos descobrir como sair daqui.

- Talvez, pai, devêssemos pedir ajuda a alguém. Há uma pessoa ali naquela esquina. Vamos perguntar se sabe qual a saída da vila.

- Eu não gosto desse lugar, papai. Está me dando medo. Quero ir embora daqui.

- Calma, Tyler. Vamos tentar encontrar uma solução. Vou aproximar-me daquela pessoa e perguntar como sair daqui. Fiquem aqui no trailer.

- Por favor, seja rápido, Michael. Esse lugar está me deixando nervosa. Não demore.

- Não se preocupem. Volto logo. Mantenham as portas trancadas.

Michael se aproxima da pessoa misteriosa na esquina:

- Com licença, senhor. Poderia ajudar-nos a encontrar a saída dessa vila? Estamos perdidos e não conseguimos encontrar um caminho.

O olhar que se seguiu era de arrepiar:

- Vocês não vão encontrar uma saída. Esta vila é um lugar onde as pessoas ficam presas para sempre. Vocês estão condenados a vagar por aqui eternamente.

- O quê? Isso não pode ser verdade. Precisamos sair daqui, tenho uma família esperando no trailer.

- Ah, sua família... Ela não estará segura nesta vila. Os que ficam aqui pagam um preço alto.

-Obrigado pelo aviso, mas não vamos desistir. Vamos encontrar uma maneira de sair daqui, mesmo que seja difícil. A minha família é minha prioridade.

- Faça o que quiser. Mas não diga que não avisei. Boa sorte, vocês vão precisar. Não se viam outras pessoas na rua, mas cada janela mostrava olhos que espiavam.

Michael volta ao trailer com expressão preocupada.

- E então, Michael? Qual é o caminho para sair daqui?

- Ele disse que não há uma saída. Que esta vila é uma prisão! Mas não vou aceitar isso. Vamos encontrar uma maneira de escapar e manter a nossa família segura.

- Papai, temos que acreditar que podemos superar isso. Juntos, somos fortes. Vamos encontrar uma solução, tenho certeza disso.

- Eu quero ir para casa, papai. Quero ver a vovó e o vovô.

- Nós vamos voltar para casa, Tyler, não se preocupe. Vamos pensar num plano. Temos de nos manter unidos. Juntos, vamos encontrar uma maneira de sair dessa vila.

Ao cair da noite, ainda lutando para encontrar uma rota de fuga, avistaram uma figura solitária parada no meio da estrada. A pessoa os observava com um olhar fixo e penetrante. Michael, instintivamente, desviou do indivíduo, mas perdeu o controle do motorhome, fazendo com que ele adentrasse a densa mata ao lado da estrada.

Depois de um tempo, algumas pessoas da vila, que já haviam testemunhado a aflição da família durante o dia, souberam do acidente e correram para ajudar. Quando chegaram ao local, ainda era noite, e a escuridão adicionava um ar tenso à situação. Estavam aliviados ao saber que todos se sentiam bem, exceto Tyler, que tinha um pedaço de ferro preso em uma das suas pequenas pernas. Os suprimentos disponíveis na vila eram limitados a uma ambulância que também havia ficado presa ali.

O Xerife Kyle, um homem robusto, de pele retinta e bigode espesso, teve a ideia de passar a noite dentro do trailer junto de Alisson, uma garota pequena e ruiva que estava prestes a concluir o curso de enfermagem, antes de se perceber presa no vilarejo. Ela seria responsável por remover o pedaço de ferro da perna de Tyler durante a madrugada, antes que ele perdesse mais sangue.

- Temos que agir rápido. A situação do Tyler não é boa. Precisamos extrair esse pedaço de ferro o mais rápido possível – reflete o xerife.

- Eu posso fazer isso. Estou no último ano de enfermagem, quer dizer, estava, mas já realizei procedimentos semelhantes antes. Só que, aqui, na escuridão... É um pouco assustador-justifica Alisson.

- Não temos outra escolha. Confiamos em você. Precisamos ajudar o Tyler o mais rápido possível.

-Por favor, faça o que for preciso. Nós confiamos em você.

-Tudo bem, vamos começar. Tyler, você vai ficar bem. Vou cuidar de você.

- Eu confio em você, mas dói muito.

- Eu vou te dar um pouco de anestesia local para aliviar a dor, mas não se preocupe, estarei o tempo todo com você.

Durante a extração do pedaço de ferro, o garoto sente dor, mas aguenta firme.

- Ahh! Está doendo!

- Quase lá, Tyler. Só mais um pouco. Você está sendo muito corajoso.

Finalmente, o pedaço de ferro é retirado, e a enfermeira começa a cuidar do ferimento.

-Ainda há um pouco de sangramento, mas consegui controlar a situação. Vou limpar e fazer um curativo provisório. Precisaremos procurar suprimentos médicos melhores assim que possível.

Obrigado, garota- agradece o xerife-. Você salvou o Tyler. Vamos mantê-lo calmo e descansado durante a noite.

O xerife começou a tapar as janelas do trailer com pedaços de tábuas para bloquear a visão do lado de fora e pendurou um amuleto no teto do veículo, todo esse preparo do responsável pela vila deixou a família com mais dúvidas ainda sobre o que estava acontecendo. Por isso, o xerife sentiu a necessidade de explicar a eles qual o real motivo disso tudo.

-Sinto muito ter que revelar tudo isso para vocês, mas é importante que saibam a verdade. Este vilarejo está amaldiçoado, e durante a noite, coisas terríveis acontecem aqui.

- Como assim? O que está acontecendo exatamente?

- Há décadas, um mal se instalou nessas terras. Ele atrai as pessoas com as suas vozes sedutoras e pedidos de ajuda, mas não são humanos reais que estão lá fora. São criaturas demoníacas que assumem formas familiares para enganar as suas vítimas. Aqui, elas buscam

entrar nas nossas casas e, se permitirmos, trarão o caos e a perdição para as nossas vidas. É por isso que bloqueamos as janelas e penduramos amuletos protetores. Eles ajudam a manter essas criaturas do lado de fora.

- Isso é assustador.-fala Emily- Como podemos ficar seguros? O que podemos fazer?

- Precisamos ficar unidos e vigilantes. Não podemos ceder às vozes e aos pedidos que ouvirmos. Devemos nos proteger, cuidar uns dos outros e esperar até que a luz do dia chegue novamente. É a única maneira de sobrevivermos a essa terrível maldição.

Enquanto todos se mantinham em silêncio, aterrorizados com a possibilidade de enfrentar essas ameaças, as vozes começaram a se aproximar do trailer. A família ficou paralisada, com medo do que poderia acontecer. Mas, de repente, Michael reconheceu a voz que o chamava, uma voz que se assemelhava a de alguém que ele conhecia.

Michael (sussurrando):

- Laura, você também ouviu? É a voz da minha irmã, Melissa.

- O quê? Mas Melissa... ela faleceu há anos. Isso não faz sentido.

- Eu sei, mas é a voz dela, tenho certeza. Precisamos descobrir o que está acontecendo.

- Papai, como pode ser a voz da tia Melissa? Ela está morta.

- É um fantasma, papai? Estamos em perigo?

- Não sei ao certo, mas vamos ficar juntos e enfrentar isso. Talvez seja algo inexplicável, mas precisamos descobrir a verdade.

- Michael, tenha cautela. Não sabemos o que está acontecendo ou se há perigo envolvido. Nunca ninguém enfrentou esse mal.

Michael preparou-se para abrir um espaço entre as tábuas, e então levou um susto.

Michael com voz trêmula:

-São os olhos... Eu reconheço-os. É aquela figura que me fez perder o controle do trailer.

Com um misto de medo e raiva, Michael recusou-se a deixar a voz entrar. Ele agarrou-se ao amuleto pendurado no teto do trailer e reforçou a sua determinação em proteger a sua família. A voz, frustrada, desapareceu na escuridão da noite.

A noite foi longa e cheia de tensão. Todos no trailer permaneceram acordados, ouvindo os ruídos misteriosos do lado de fora e temendo o desconhecido. Finalmente, os primeiros raios de sol começaram a iluminar o céu, e a família sentiu um enorme alívio.

Laura suspirando de alívio:

-Acho que sobrevivemos à noite, finalmente.

Tyler com a voz trêmula:

-Papai, a voz assustadora se foi?

- Sim, filho. Parece que nos livramos dela. Estamos seguros agora.

- A luz do dia é uma bênção. Essas criaturas costumam recuar com a chegada do sol. Acho que passamos pelo pior.

- Vocês foram corajosos, papai e mamãe. Não cederam àquela coisa. Estou orgulhosa de vocês.

- Obrigada, querida. Fizemos o que era necessário para proteger a nossa família.

Na manhã seguinte, eles deixaram o motorhome e encontraram o restante da vila acordando aos poucos. As pessoas reuniram-se em volta de Tyler, aliviadas por vê-lo seguro e sem o pedaço de ferro preso na sua perna. A comunidade uniu-se para ajudar a família a se estabelecer numa casa vaga no vilarejo, onde, provavelmente, os antigos moradores não resistiram às vozes.

Um dos vizinhos revelou:

- Que bom ver todos vocês em segurança! Ficamos preocupados com o acidente de ontem. Como vocês estão se sentindo?

Laura sorri para ele e diz:

- Estamos um pouco abalados, mas felizes por estarmos todos bem. Agradecemos muito pela ajuda.

- É impressionante como essa comunidade se importa uns com os outros. Não sei como retribuir toda essa bondade- diz Michael.

Outra vizinha, com olhar bondoso:

-Não precisa se preocupar com isso, Michael. Estamos aqui para apoiar uns aos outros. É o que fazemos nesta vila, pois estamos presos aqui, como vocês.

Emily estava curiosa:

- E o que acontece com as vozes, as pessoas que não resistem? Vocês têm alguma ideia do que elas são?

A mulher do olhar bondoso explica:

- Infelizmente, não temos todas as respostas. Mas acreditamos que as vozes são algo inexplicável e perigoso. Precisamos manter-nos atentos.

- Faremos o possível para proteger a nossa família e ajudar a comunidade. Juntos, seremos fortes.

- Assim que vocês se instalarem na casa, estaremos por perto para ajudar no que for necessário. Vocês não estão sozinhos.

E isso aconteceu. Com o passar dos dias, no entanto, a família, apesar de bem acolhida por todos no vilarejo não se conformava com a situação. Tyler já estava melhor, era forte. Já era hora de investigar e descobrir por que estavam todos presos ali.

Michael, engenheiro eletrotécnico de formação, começou a investigar o mistério da eletricidade na vila. Descobriu que todos os fios elétricos levavam a um único lugar: o porão das casas. Não entendeu bem o motivo disso.

Ainda intrigado e determinado a encontrar uma possível saída, Michael começou a desenvolver um novo plano. Enquanto isso, Laura, que soube dos problemas elétricos, já que o seu marido havia comentado com ela, movida pela esperança de encontrar uma saída, começou a cavar um buraco no porão da casa em que estavam, seguindo o trajeto dos fios.

-Laura, estive pensando em uma maneira de tentarmos nos comunicar com o mundo exterior. Se conseguirmos estabelecer contato, talvez possamos pedir ajuda e encontrar uma saída dessa situação.

- Isso seria incrível, Michael! Como você pretende fazer isso?

- Estou idealizando uma antena de sinal improvisada. Se conseguirmos captar um sinal forte o suficiente, poderemos usar rádios ou outros dispositivos de comunicação para nos conectarmos com o mundo lá fora.

- Parece um plano promissor- fala Laura-. Estou disposta a ajudar no que for preciso. O que precisamos fazer?

- Primeiro, precisaremos reunir alguns materiais, como fios, isolantes e componentes eletrônicos básicos. Vou buscar o que puder encontrar nos carros abandonados e, se necessário, improvisaremos com o que tivermos à disposição.

- Enquanto você busca os materiais, vou continuar cavando o buraco no porão. Se conseguirmos restaurar a eletricidade ou estabelecer comunicação, estaremos mais próximos de resolver esse mistério.

- Ótimo, Laura! Vamos trabalhar em equipe. Eu sinto que estamos perto de desvendar os segredos dessa vila e encontrar uma saída. Não vamos desistir!

Após a mobilização de toda a cidade e muito trabalho para arrancar a fiação elétrica dos carros abandonados, pois a fiação das casas era um mistério, a antena finalmente funcionou, o seu sinal não era dos melhores, já que uma tempestade se aproximava, mas havia uma voz no rádio.

- Conseguimos, o rádio está funcionando! Alguém está nos ouvindo?
Entre chiados e interferências uma voz se fez ouvir:

- Olá, Michael. Parece que a sua esposa decidiu cavar um buraco por conta própria. Espero que você a encontre a tempo.

O terror tomou conta do coração de Michael:

-O que você quer dizer? Onde está a Laura?

Michael emudeceu ao ouvir aquelas palavras. Ele sentiu um arrepio percorrer a sua espinha e um medo profundo instalou-se no seu coração. Ele correu desesperadamente para o porão da casa, temendo o pior. O buraco estava lá, mas Laura havia sumido. As crianças gritavam o seu nome, nenhuma resposta. A voz do rádio tomou a cidade e alertou:

-Para que todos saibam o que acontece com quem quer sair daqui!

Um projétil é eterno

Eduardo D. Rech

O sol ilumina aquele pequeno cubículo, novamente ele acorda com o despertador. Parece que até o astro-rei brilha menos naquela cidade de merda. Toda vez que acorda dá play na única fita que sobrou, toma seu café morno da garrafa térmica, sempre escutando a mesma música “There is a house way down in New Orleans They call the Rising Sun”

A delegacia não é longe, cerca de 2 quilômetros, dá para ir a pé. O caminho é curto mas sofrido, não pela estrada acidentada, não pelo clima frio do inverno, mas pelos pensamentos que o atormentam. Ele sempre lembrava, era impossível não lembrar, do sangue escorrendo, da mãe chorando. Mas porquê ficar observando uma cena daquelas? A curiosidade e irresponsabilidade de uma mãe condenou não só a carreira, mas a vida deste homem.

6 de outubro de 2008, às 14h34 seu telefone toca, os gritos eram de desespero, claramente as coisas saíram do controle. Era um assalto ao banco central da cidade. Os assaltantes entraram como funcionários e não foram percebidos, pegaram o dinheiro e já estavam indo embora, ninguém sabia que era um assalto.

Na saída deles uma funcionária notou que havia algo de errado e acionou o alarme silencioso. A polícia chegou logo em seguida, por isso eles se obrigaram a voltar para dentro do banco. Fizeram todos lá de refém e descobriram quem acionou o alarme: a afilhada do prefeito, que trabalhava no guichê 5.

Estavam todos lá, jornalistas, repórteres e centenas de câmeras transmitindo a afilhada do prefeito com uma Colt 1911 na cabeça. A força de resposta rápida já estava lá, os negociadores estavam enrolando até ele chegar, subiu em um apartamento que ficava em cima de uma cafeteria, do outro lado da rua, cerca de uns 120 metros do banco, o policial observava toda a movimentação pela luneta de seu AGLC, até que escutou em seu rádio:

“Ele aceitou conversar com a polícia, a gente tira ele do banco e você manda pro inferno, fica atento”. Foram cerca de 21 minutos de conversa, e um deles saiu, com um dos braços ao redor do pescoço da vítima, e o outro segurando a arma. O atirador esperou o momento em que o assaltante ficou parado, respirou, e lentamente puxou o gatilho. O tiro ia ser certo, ia espalhar os pedaços do crânio do assaltante na vidraça do banco, e a vítima ia sair ilesa. Infelizmente havia uma mãe irresponsável que se deixou levar pela curiosidade, achou que seria uma boa ideia assistir tudo aquilo com seu filho. Pobre policial, ele não tinha como prever que eu iria passar

correndo na frente, mas eu só tinha 4 anos, não sabia do perigo, queria fugir dali. Minha mãe tentou me segurar e... Não sei quem sente maior dor: eu, que perdi minha mãe, ou o policial que atirou...

Descongelando emoções

Murilo M. Ribeiro

O pequeno mercado se localizava no centro de uma cidade no sul do Brasil, no centro de Santa Catarina, era possível encontrar diversos produtos de qualidade, porém não era apenas um local comum, pois lá dentro, em uma prateleira específica, os alimentos conversavam entre si, apenas alguns atendentes e alguns clientes sabiam disso.

Entre diversos produtos na área de gelados no mercado, o queijo, o leite e o presunto se destacavam pela sua qualidade superior. Eles disputavam qual deles seria vendido e para quem. O leite e o queijo eram conhecidos por serem bondosos e amigáveis, já o presunto tinha sua fama de arrogância e todos tinham medo dele.

Todo mês o mercado postava nas redes sociais promoções relâmpago e os clientes ficavam atentos às redes, para que não perdessem as ofertas.

Antes mesmo do mercado postar quais produtos estariam na promoção, todos ficavam ansiosos para serem expostos nas prateleiras e vendidos.

Numa certa ocasião, o mercado postou nas redes sociais que haveria uma promoção relâmpago no dia seguinte.

Logo pela manhã os produtos estavam prontos, antes do mercado abrir, o queijo e o leite decidiram passear pelo supermercado. Quem sabe não seria a última vez que poderiam fazer isso? Antes que eles colocassem o pé no chão BUM! O leite cai lá de cima da prateleira! O queijo rapidamente vai ajudá-lo, mas desliza e cai lá de cima também.

O leite e o queijo estavam no chão, o presunto presenciou a situação de cima da prateleira e não pôde deixar de soltar um riso sarcástico. Ele sempre nutriu uma rivalidade com os outros alimentos e não perdia uma oportunidade de zombar deles.

Enquanto o leite e o queijo tentavam se recuperar do tombo, o presunto aproveitou a situação para se exhibir e se gabar de sua superioridade. Começou a fazer comentários maldosos e a provocar os dois, ridicularizando-os pela sua falta de equilíbrio e destreza.

O destino tinha outros planos para o presunto arrogante. Enquanto ele se vangloriava, o mercado abriu e uma cliente desatenta, ao pegar uma lata de molho de tomate, deixou-a cair em cima do presunto. O molho escorreu por sua embalagem e o deixou completamente sujo e manchado.

O presunto ficou em choque, incapaz de acreditar no que havia acontecido. Ele tinha sido punido por sua arrogância e seu comportamento desagradável. Os outros alimentos, mesmo após terem sido alvo de suas provocações, não conseguiram conter o riso diante da cena patética do presunto sujo de molho.

Envergonhado, o presunto percebeu o quanto suas ações haviam sido prejudiciais. Ele finalmente compreendeu que não adiantava se orgulhar de sua qualidade superior se sua atitude fosse repugnante. Aquela experiência serviu como uma lição importante para o presunto, que decidiu mudar sua postura e tratar os outros alimentos com respeito.

A partir desse dia, o presunto se tornou mais humilde e aprendeu a valorizar as qualidades dos outros produtos. Ele reconheceu que, apesar das diferenças, todos os alimentos mereciam ser tratados com dignidade e respeito.

O mercado organizou os produtos e o leite, o queijo e o presunto foram colocados novamente nas prateleiras. Dessa vez, o presunto, com sua nova atitude, conseguiu conquistar a simpatia dos clientes. Ele percebeu que ser amigável e gentil era muito mais gratificante do que ser arrogante.

Assim, o mercado continuou a ser um local onde os alimentos conversavam entre si, mas agora, com uma convivência mais harmoniosa e respeitosa. E o presunto, que antes era temido e evitado, tornou-se um produto popular e querido pelos clientes, graças à sua mudança de comportamento e a lição que aprendeu sobre humildade e empatia.

Memórias desprezadas

Laura Luisa Prado Ferreira

Em um reino belíssimo, num dia frio de outono nasceu Clarissa uma linda menina, de cabelos ruivos e pele de pêssego. Como o brilho de um cristal, exalava sua realeza. Para todos.

Não teve uma infância comum, pois era uma princesa. Embora não fosse uma criança com liberdades e tempo para satisfazer seus anseios, a menina era fascinada pelo mar, admirava a imensidão. Sempre quis ser uma sereia para poder ter uma vida em seu lugar favorito.

Clarissa foi criada por seu pagem, um homem de currículo excepcional e que fazia parte da família. Abaddon era um pai para a menina, o homem bom, atencioso, carismático e sempre amado por todos em sua volta. Lisa, apelido carinhoso pelo qual a chamava, o amava, sentia confiança e sentia-se amada.

Lisa sempre refletia sobre sua relação com ele: “Meus melhores momentos até hoje foram com ele, nossas brincadeiras todos os dias, idas ao bosque, me ensinou a olhar o mar de uma forma que fez com que eu me apaixonasse. Em todos os momentos sempre esteve comigo, isso me deixa bem e segura!”

Mas aos seus 12 anos tudo mudou, ele começou a tratá-la de forma diferente. Ele sempre a abraçava e ela achava isso normal, afinal pessoas se abraçam. Mas tudo ficou diferente na noite em que ele quis levá-la para brincar no bosque. A menina achou que seria apenas mais uma noite de aventuras, como naquelas que há muito tempo faziam. Ela não esperava que essa noite se tornaria seu pior pesadelo.

“Minhas mãos suadas, o corpo rijo, pernas estremecidas, um olhar desesperado, quem me trazia segurança, agora apenas medo. Um momento torturante que se repete diversas vezes em minha memória.”

Clarissa deixou de ser apenas uma criança e se tornou uma mulher, algo forçado e desesperador, as lembranças e o convívio com Abaddon traziam à tona memórias, antes boas, agora desesperadoras.

“Quando eu era pequena, adorava o som das páginas dos livros e dos cadernos. Uma vez, tive uma ideia brilhante (bom, pelo menos foi isso que eu pensei, que seria incrível escutar o som das páginas dentro de um pote cheio de água. Claro que a minha ideia não deu muito certo, mas ele estava lá para me ajudar a secar as folhas. Eu gostava tanto de animações sobre sereias que sempre me apresentava como Ariel aos meus amigos. Há pouco tempo eu reencontrei um amigo de infância e ele ainda acha que meu nome é Ariel. Quando contei isso a ele caímos na risada. Momentos de saudades hoje esquecidos por um momento de satisfação para seu prazer, tudo

que ele me fez de bem durante todo esse tempo esquecido em um perplexo de momentos que me machucam para uma vida toda. ”

Depois de alguns meses de convívio com ele e com tudo que havia acontecido ficou impossível, o fascínio da Clarissa pelo mar aumentava, era seu conforto. Iniciou uma busca por sereias, foi quando descobriu que havia uma sereia na ilha em que morava. Foi em busca dela e encontrou. Então fez a ela um pedido;” Queria apagar todas as minhas memórias.” A sereia suplicou a ela que deveria pular da masmorra até o mar para que suas memórias fossem apagadas.

Lisa foi encontrada morta no dia 19 de outubro de 1990, à beira de uma masmorra. Depois de uma de suas diversas alucinações, seu corpo mostrava desespero e angústia. Uma alma que morreu atormentada retornou como uma sereia que chamava todos os homens para o riacho que ligava ao mar. Sua voz encantadora atraía-os e depois fazia justiça. Ela deixava sempre uma marca como um aviso para Abaddon de que ela voltou...

Vida efêmera

Daniel Pereira França

Era por volta de 19 horas, Dona Vera, uma mulher de 57 anos, estava em seu carro voltando para casa, após passar uma tarde no shopping. Com o suor do seu trabalho conquistou um bom patrimônio econômico. Era muito intensa no seu trabalho e procurava sempre ganhar mais. Viver era, em parte, uma forma de ter lucro. Mas nessa noite ela nem imaginava que estava correndo um risco enorme.

Enquanto dirigia na estrada escura, Dona Vera estava distraída em seus pensamentos sobre as compras e presentes para seus entes queridos. De repente, uma chuva intensa começou a cair, diminuindo a visibilidade. Ela perdeu o controle do veículo que derrapou e colidiu com um poste de luz, deixando-a atordoada. Com dificuldade, soltou seu cinto de segurança e após fazer várias tentativas conseguiu sair do carro. Pensou em como tivera sorte, não estava ferida e os danos eram somente materiais. Elevou o pensamento sentindo-se grata pela vida e por estar bem.

Estava assustada, com o coração acelerado e tremendo devido à combinação de susto, frio chuva, esperava pelo socorro. Então se abrigou na lateral da estrada enquanto aguardava a chegada de ajuda.

Olhando para o veículo destruído, agora coberto pela chuva, uma sensação de alívio e humildade tomou conta dela. Naquele momento, ela refletiu sobre a fragilidade da vida e como todas as suas conquistas materiais não tinham significância. As coisas que realmente importavam, como o amor e o cuidado de sua família, tornaram-se a prioridade em sua mente. Foi uma experiência que ajudou-a a eleger prioridades na vida...

Esse episódio impactante marcou uma mudança profunda em Dona Vera, que decidiu que a partir daquele dia iria valorizar cada momento com seus entes queridos e buscar uma vida mais equilibrada entre o sucesso material e as suas relações.

A ajuda chegou, ela foi encaminhada ao hospital para verificar se não havia nenhum ferimento interno. Logo os filhos e netos chegaram e receberam o maior e melhor abraço de Dona Vera. Nascer de novo não é fácil, mas aproveitar a segunda chance é possível.

AMOR SANGRENTO

Rafael Bellotto França

Francisca era uma mulher linda, esbelta, e muito esperta, era mesmo uma mulher para casar. Ela morava em uma bela casa com seu marido Márcio, que era dono de uma grande empresa de seguros. Os dois eram muito ricos e aparentavam ter uma vida perfeita, pelo menos é o que aparentava.

Francisca nunca contou para ninguém, mas sofria muito nas mãos do marido. Ela chegava sempre mais cedo do trabalho, enquanto Márcio ficava na empresa até tarde da noite. Por volta das 22h, quando chegava em sua casa, descontava todo aquele estresse de um longo dia de trabalho em sua esposa, tanto com violência física, quanto com xingamentos.

Isso se repetia sempre e quando Francisca falava e separação, o marido a ameaçava de morte. Depois de uma longa terça-feira fria e chuvosa, Francisca chega em casa cansada do seu trabalho e sente-se indisposta, com forte enjôo e náuseas, ela tentou ignorar. Deitou-se na esperança de dormir um pouco.

O mal estar continuou no dia seguinte, o que fez com que ela desconfiasse que poderia estar grávida. Decidiu, então, fazer um teste de farmácia antes de ir ao médico, pois poderia ser somente um mal estar passageiro.

Mas não! Era uma gravidez. Um misto de alegria e terror. Não sabia qual seria a reação de Marcio. Ele nunca havia falado de filhos. Quem sabe não seria bom? Quem sabe não ficaria mais fácil viver com ele?

O dia custou a passar, precisava contar a novidade. Ela precisava contar ao marido, por isso telefonou dizendo que precisavam conversar, convidando-o para jantar. Ao final do dia, chegou em casa, tomou banho demorado, acariciou pela primeira vez a barriga, colocou seu melhor vestido, perfumou-se, maquiou-se, calçou seu sapato preto de salto. Estava mesmo radiante.

Marcio iria adorar a surpresa? Logo saberia...

No caminho do restaurante, ainda no carro, Francisca quis contar ao seu marido:

— Amor, sei que nunca falamos disso, mas aconteceu: eu estou grávida.

Sem dizer nada, Marcio olhou para ela e, tranquilamente, estacionou o carro, tirou um revólver calibre 38 SPL debaixo do banco. Bastou um tiro no peito. A atitude levou a outra... Em seguida outro tiro, agora nele mesmo, na cabeça. Afinal ele era estéril.

Boa Noite Jack

Matheus Carvalho Parma

Em uma madrugada fria e tempestuosa, Jack havia ficado sozinho em casa após seu pai sair para trabalhar. Os ventos daquela noite eram tão fortes que os troncos das árvores se inclinavam. Logo todos os noticiários da região anunciaram que a população deveria permanecer dentro de suas casas por conta da forte chuva. Mas o que realmente as autoridades estavam tentando era manter a população longe de um possível assassino em série à solta. Havia rumores sobre esse criminoso em todos os lugares. Muitas pessoas falavam que ele era muito cruel com as vítimas. Por volta das três horas da manhã a energia de grande parte da cidade caiu, Jack assustado com a tempestade e preocupado com o possível assassino foi se deitar em seu quarto que ficava no segundo andar da casa.

Não conseguia dormir. Nunca teve medo de ficar sozinho enquanto seu pai trabalhava à noite, mas agora tinha medo. De repente ouviu barulhos vindo da cozinha, eram batidas fortes, parecia que alguém batia na porta. Espiou e conseguiu ver pela janela de seu quarto que a porta dos fundos estava aberta, era a entrada que dava para a cozinha.

Tomou coragem e foi até lá averiguar a situação, pois seu pai deveria chegar apenas de manhã cedo. Não conseguiria dormir com aquele barulho constante. Estava tremendo, não sabia se era medo, terror ou frio. Estava muito escuro, sem luz e portando uma vela que a chama trêmula indicava uma forte corrente de ar por ali.

Desprotegido no meio da escuridão viu, pela janela da cozinha, a silhueta de um homem que parecia segurar uma faca. O que faria? Já estava na cozinha e a porta estava aberta. Ela batia fazendo um barulho cadenciado e regular.

Jack ficou paralisado e, pela janela, em segundos, a silhueta se virou, andou na sua direção, a máscara escondia o rosto do intruso. A porta já se abria por completo e ele, então, correu para se esconder.

A cada esconderijo o intruso o encontrava, parecia que o invasor conhecia a casa. Sua última opção era um armário na despensa onde costumava se esconder de seu pai quando era criança. Somente ele e seu pai sabiam abrir a porta da despensa. Correu com todas as suas forças, entrou no armário e fechou a porta. Pela fresta perto do assoalho, via a sombra do invasor. Jack pensava que iria morrer ali, no meio das latas de comida e sacos de farinha e açúcar.

Não foi assim: primeiro ele abriu a despensa, tirou Jack dali e levou-o lá fora. Chovia, o vento era forte e o silêncio do criminoso era ensurdecedor.

Jack foi levado até a frente de sua casa é brutalmente assassinado, teve seu corpo jogado na varanda, os vizinhos que haviam ouvido gritos acionaram a polícia, que chegou ao local no meio da fuga do assassino. Ele não foi longe, capturaram-no e o prenderam, ao retirar a máscara de seu rosto, descobriram que o assassino que assombrava aquela noite era o próprio pai de Jack.

Nada de novo no futuro

Gustavo Anthonio Dorigon Vieira

A história é de um mundo que tem um único governo ditatorial. Conta-se que no futuro (2042), há diversas desavenças entre o governo e a população.

Os revoltosos formaram um grupo denominado "exército revolucionário" que, segundo as propagandas, era o mais radical de todos. O protagonista (Osvaldo) desta história junto ao seu melhor amigo (Genésio) dividiam o mesmo sonho: tornar-se um general do exército oficial ditatorial. Eles teriam junto ao bom salário, o conhecimento de tudo que acontecia no governo, sendo o braço direito do ditador. Esta história se passa após a realização desse sonho.

Osvaldo sabendo tudo que acontecia internamente no governo devido ao seu cargo, descobriu que o ditador tinha escravos que viviam em condições muito degradantes para um ser humano. Logo que assumiu o posto de general, pensou que seria fácil conduzir o governo e teria vez e voz. Isso não aconteceu. Ao saber de situações de trabalho escravo e tortura resolveu lutar contra essas injustiças. Seu amigo, Genésio, não compartilhava de seus ideais, por isso Osvaldo nada contou a ele. Era necessário fazer alguma coisa. Lutaria ao lado dos revoltosos.

Ao se filiar ao exército revolucionário, entretanto não deixou seu posto de general agindo como um homem de confiança do ditador. O exército revolucionário, entretanto, era muito fraco e não teria chances contra o estado em uma eventual guerra. Osvaldo, um homem que passou por muitos treinamentos, decidiu melhorar tática e fisicamente as tropas. Ele foi uma grande influência para os revoltosos. O tempo passava e cada vez mais Osvaldo acreditava que fazia a coisa certa. Descobria a cada dia mais atrocidades do governo ditatorial.

Passados dois anos, já havia um exército forte o bastante para invadir e derrubar o governo. Os preparativos para a grande batalha estavam em andamento. Logo o povo seria livre.

A data já era decidida (29/09/2044), e todos já sabiam como e o que fazer: muitos soldados do exército revolucionário se infiltrariam na capital e atacariam o país de dentro para fora. Osvaldo tinha acesso ao ditador e, a hora que quisesse, poderiam matá-lo antes de tudo.

Chegado o dia, o exército estava em peso na capital e prestes a começar o ataque. Osvaldo entra nos aposentos do ditador sem maiores dificuldades. Ele ainda dormia, era madrugada. A ação foi fácil e rápida. Ao executar o ditador, abre a janela do quarto e anuncia: "O ditador morreu, que comecem os ataques".

Fora do quarto, preparando-se para combater a guarda do ditador, encontra seu amigo Genésio, que não conseguia acreditar: seu amigo de infância estava traindo o estado.

Espadas em punho e muita raiva. A sensação de raiva e desprezo invadia a luta que se tornava cada vez mais feroz .

Durante a luta, Osvaldo cai e Genésio acredita que o amigo se fora. Ao tentar anunciar que o líder inimigo morrera, ele é apunhalado. Genésio cai pela janela do palácio, ardendo pelas tochas dos manifestantes.

Osvaldo cansado e muito ferido ainda tem tempo de olhar a felicidade do povo e a esperança nos olhos daqueles que lutaram.

O que aconteceu depois disso eu não sei, eu era só mais um soldado do exército real e acabei morrendo também.

Sem Ver

Carlos Eduardo Buck

Quatro paredes cinzas, ofuscadas pela falta de luz, rodeavam um garoto de cabelos pretos, olhos escuros, com uma pequena franja num dos olhos. Tinha um olhar vazio e sem esperança como uma tarde nublada e sem graça, até que uma porta abre: “Você tem algum pedido a fazer antes que chegue a hora?” Era uma garota com cabelos loiros claros e olhos azuis que o encarava com uma cara cética, uma mistura de raiva e nojo. “Eu queria sair daqui”.

Ele acorda confuso, “Sonhe mais. Não vou repetir de novo, você tem algum último pedido?”, ele olha novamente para a policial, recobrando um pouco da consciência, mas ainda meio confuso. “Eu... poderia ver minha irmã?”, com um sorriso sarcástico no rosto, ela sai do cômodo comentando, “Você vai vê-la sim, logo mais, e não só ela, claro, mas todas as suas vítimas”.

Algum tempo antes:

O garoto se vê num espaço aberto, com uma sombra escura cobrindo-o em um círculo, todo o resto ao seu redor estava branco, até o horizonte. Novamente ele vê a garota, mas não só uma, várias. Elas esboçam um sorriso de deboche no rosto, apontando o dedo para o garoto, algumas murmuram algo, outras riem e outras apenas o encaram. Ele está confuso, com raiva, ódio, até não aguentar mais e partir para fazê-las parar.

Ele acorda, “Você sabe o que fez?” pergunta uma policial, loira de olhos castanhos e um olhar penetrante. “Elas, elas estavam rindo, me irritando, eu, eu só fiz parar, não fiz nada errado, só fiz com que parassem, né?” A policial, com um olhar triste, isento de raiva, apenas tristeza e pena.

“Por que, por que tá me olhando assim? Me diz, por quê?!” Ele segura a garota loira pelo pescoço, e aperta, até se acalmar, ela parou de rir, não escuta mais as risadas dela, que bom.

De volta ao presente:

“Ei! Acorda seu cretino, tá na hora”

Ele levanta e sai da cela, caminha pelo corredor em silêncio, chegando na sala, senta na cadeira, com uma expressão neutra e serena. De novo numa sala com quatro paredes pretas, dessa vez sentado em uma cadeira, amarrado sem poder sair. Agita-se um pouco se debatendo, querendo sair, olha para a policial na sua frente, ela tem olhos azuis também, e um cabelo preto, mais ou menos 1,70 de altura, mas sua expressão era diferente, raiva, ódio, rancor, diversos sentimentos ruins que se pode ver em um rosto. “Eu pedi pessoalmente para o chefe para eu cuidar da sua morte, vou garantir que seja tão angustiante quanto a que deu a minha irmã”

O garoto se vê no parque, sentado ao lado de sua irmã, ela tinha longos cabelos loiros e claros e olhos azuis, sempre alegres, pelo menos é assim que ele se lembra dela.

Sentado na cadeira, ele sente um choque percorrer seu corpo inteiro e vê sua vida passando como um filme por suas memórias.

Prisioneiro de nº 345, M. Dylan, homem de 34 anos, diagnosticado com esquizofrenia grave, acusado de cometer assassinato em série de mulheres com mutilações no rosto e asfixia, incluindo sua irmã, primeira vítima, quando ainda era pequeno. Sua última vítima fora a policial D. Liz. Foi pego em flagrante após atentado a 12 garotas em uma cafeteria local, teve o caso finalizado pela policial D. Alex, julgado como culpado e sentenciado à pena de morte na cadeira elétrica.

A brilhante garota da escuridão

Pedro Lucas

Por um momento me vejo relaxado, desligado de tudo, o escuro me traz paz e conforto. Mas de forma momentânea, logo chega a hora do pagamento. Vozes sussurram palavras incompreensíveis, o corpo arrepia, o coração para, logo dispara, e com isso as mãos tremem.

Sempre me encontram nas frias madrugadas, me apavorando a noite inteira. Isso quando não decidem me perturbar durante o dia, principalmente em situações inesperadas e não propícias eles vêm me atormentar.

Nos jantares em família tenho que sair da mesa e encontrar um canto para me esconder e implorar para pararem de me atazanar, quando tudo que eu almejava eram umas boas risadas com meu pai, uma ótima conversa com minha mãe e umas brincadeiras com meus irmãos e primos.

Uma voz diz para eu parar e outra diz para eu correr, eu assustado, corro para o nada. Mas como assim? Eu corri tanto e ainda estou no mesmo lugar e onde é que está todo mundo? De quem é esse skate?

-É meu, espurco.

Xingado de forma gratuita, não me senti ofendido. Apenas deleitei-me em uma doce e aconchegante voz.

-Por que quer saber?

-Perdoe-me! Não sabia que este era de seu pertence.

-Idiota! – Disse rindo a garota – Você é engraçado!

Droga... O que eu tenho aqui em minha frente? Será que ela é um anjo? Um sonho? Essa menina sorrindo é a coisa mais linda que eu já vi. Em qual momento a escuridão sumiu e a luz do sol retornou a brilhar radiantemente?

-Quer dar uma volta no skate, grandão?

Espera... Ela me convidou mesmo? Estava a xingar-me agora mesmo. O que eu faço?

-Claro! Pe... Pequena

-Bobo! – disse sorrindo novamente –

Mas e ela sabe então porque o meu corpo é demasiadamente vultoso em relação ao seu? Bom... Ela está sorrindo novamente, então nada mais importa.

-Deixe-me propício à inspeção e eu lhe direi, por hora, apenas descrevo, seu sorriso é tão esbelto que me lembra a mais linda obra de arte de um céu estrelado, já sua voz, a mais melodiosa

canção de uma noite de luar que brilha como o olhar dela.

-Sobe aí e deixa de falar asneira – falou dando risada – Cuidado para não cair!

-Eu sei andar!

Então eu dei a melhor volta de skate da minha vida, acompanhado daquela linda moça que trouxe luz à minha vida.

Acompanhado? Onde ela foi? Espera... Preciso virar esse skate e encontrá-la novamen...

Desgraça! Que dor, como pode doer tanto e como eu fui cair? Onde ela está? Não consigo enxergar, o brilho do sol ausenta-se, se perdendo. É minha culpa? Não! Não se atreva a dizer que é minha culpa.

Mas talvez seja mesmo...

-É claro que é!

-Quem disse isso?!

-(Incompreensível)

-Pare de sussurrar! Espera... Vozes sussurrando? Escuridão? Droga... De novo não.

Ciclista curioso

Gustavo Prado Granemann

Toda manhã observo um ciclista que acorda bem cedo por volta das 6 horas, escova os dentes toma o café e sai para escola.

Faz sempre o mesmo trajeto, quando para no semáforo logo atrás passa outro ciclista todo dia no mesmo horário vai atrás.

Nesse trajeto há uma casa mal assombrada com um enorme cachorro latindo. O ciclista sempre para ali e, ao chegar, o portão cai e o cachorro fica em um silêncio

Eu sempre acho muito estranho. Hoje o ciclista não ficou só olhando no portão, ele entrou. Escuto a janela estourar e ele aperta o passo e corre para dentro da casa.

Parece que o ciclista é mesmo muito corajoso. Eu não teria coragem para entrar nessa casa. Continuei espiando, estava curioso: o que iria acontecer?

Um vulto assustador passa rapidamente pela janela arrombada e a porta da frente parece abrir suavemente.

Logo vejo o ciclista correr porta a fora. O que ele teria visto? Acho que nunca saberei...

Depois disso ainda vejo ciclista que continua passando no semáforo sempre no mesmo horário, mas nunca mais parou na casa mal assombrada. Soube que ele prometeu a si mesmo que não voltaria. Será?

O tempo passou, já era primavera e eu ainda espiava o ciclista. Naquele dia, olha só, ele parou na frente da casa novamente. O cachorro não estava mais lá, o portão estava no lugar, a janela não estava mais quebrada estranhou a situação e pulou o portão.

Ele parecia assustado, deu um pulo para trás, caindo em um buraco escuro. Eu acompanhava tudo da janela, mas nunca pensaria em ajudar. Tenho medo daquela casa.

Ele não saía do buraco, o que iria acontecer agora?

Pensava que era perigosos tentar entrar de novo naquela casa esquisita, mas quem sabe ele não era um detetive? Escuto uma grande explosão que vinha daquela casa. Os bombeiros logo chegaram, tentavam apagar o fogo. Só eu sabia que havia alguém na casa. A bicicleta estava encostada no portão.

O ciclista não descobriu o que tinha lá naquela casa. Resumindo, como diz o ditado, só que de maneira diferente a curiosidade quase matou o gato. E eu? Continuo olhando pela minha janela, sempre tem alguém por ali.

Terror na Casa Abandonada: A História dos Três Adolescentes

Vanessa Vansuita do Prado

Era uma noite escura e fria quando três adolescentes, Alice, Ben e Charlie decidiram explorar a antiga casa abandonada na beira da cidade. Eles ouviram histórias sobre um psicopata que costumava viver lá, mas decidiram ignorar o aviso e prosseguir com a aventura.

Combinaram de se encontrar na casa abandonada após a escola, já estavam de férias então tudo bem chegar mais tarde em casa, apenas avisaram seus pais que iriam na casa de um amigo jogar videogame. Alice retirou todo o material da sua mochila vermelha e deixou no armário da escola, estava levando, lanternas, água e algumas barrinhas de cereais, ela sempre foi muito prevenida, nunca se sabe né.

Foram a pé, discutindo sobre quem faria o quê. Cada um parecia mais corajoso que o outro. Logo que subiram a ladeira, viram a casa lá no alto. Era assustadora. Foram se aproximando do portão de ferro que ao ser aberto fez um rangido que parecia um grito de dor.

Quando entraram na casa, sentiram uma sensação estranha no ar. O lugar estava escuro e empoeirado e parecia que ninguém havia entrado ali há anos. Enquanto andavam pelos cômodos, ouviram passos vindos do andar de cima. Ficaram com medo, mas decidiram continuar a explorar. De repente, atrás de um dos corredores, um homem misterioso apareceu diante deles. Era o psicopata de quem eles haviam ouvido histórias pela cidade.

O medo tomou conta de cada parte do corpo, a sensação de que algo terrível estava prestes a acontecer era avassaladora e eles não conseguiam escapar da sensação de que a parição dessa figura humana era algo sinistro. Cada parte do corpo parecia estar em alerta máximo, em um estado constante de tensão e medo.

Ele era alto, magro e usava uma máscara assustadora. O medo deu lugar à coragem para correr. Queriam encontrar a saída. Ele começou a persegui-los pela casa, empunhando uma faca afiada. Os adolescentes correram em diferentes direções, tentando escapar do psicopata. Ben acabou trancado em um quarto após correr pelo corredor escuro da casa, foi a primeira porta que ele abriu para se esconder.

Alice ficou presa no porão, onde estava escuro e úmido, o cheiro de mofo e bolor era quase insuportável, e o ar parecia pesado. A iluminação era fraca e mal iluminava os cantos escuros, criando sombras que pareciam se mover sozinhas. Lembrou que havia levado lanterna, mas ao tentar ligar, estava sem pilhas, se desesperou ainda mais. A cada passo do psicopata, sons estranhos ecoavam pelas paredes de concreto.

Charlie foi encurralado no sótão pois ao tentar achar um lugar para se esconder já era tarde.

Eles gritavam por ajuda, mas ninguém podia ouvi-los. Os adolescentes estavam ofegantes e tremendo. O psicopata estava determinado a encontrá-los e aterrorizá-los.

A respiração era ofegante, o medo paralisava e os pensamentos só revelavam o terror de seus corações. Cada um deles tentava lembrar dos combinados feitos, das palavras de coragem que sussurravam tentando controlar a respiração, mas era difícil com o som de cada passo se aproximando.

O psicopata encontrou cada um deles, um por um. Os gritos não foram ouvidos e o que seria uma aventura adolescente se tornou uma história de terror. Ninguém sabia o que havia acontecido com eles. Todos sumiram e a investigação levou a buscas pelas redondezas, inclusive na casa abandonada. Foi lá que a polícia encontrou seus corpos mutilados na casa abandonada e a mochila de Alice no porão.

Desde então, a casa foi fechada e definitivamente abandonada. Dizem que ainda é possível ouvir os gritos dos adolescentes na noite escura e fria e que o psicopata ainda ronda a casa em busca de novas vítimas.

A história dos três adolescentes se tornou uma lenda urbana, um aviso para todos aqueles que se aventuram em lugares perigosos.

Nada de novo de repente

Katia Cristina Schuhmann Zilio

O sol escondia o arrependimento de Felícia. Não havia nada a fazer, o sofrimento era inevitável. Os corpos estavam ali, pelo chão, a polícia não demoraria a chegar, mas ela tentava recobrar a razão, controlar as emoções.

Afinal o que acontecera? Lembrava de um caminho tortuoso, um portão de ferro e muitas janelas. Estava presa, não havia como sair. Seu medo a paralisava e não raciocinava e quase sempre, quem venciam eram as vozes que falavam ao mesmo tempo com ela.

Onde estava? Que lugar era aquele? Como viera parar ali? A canção era sua possibilidade de sanidade:

Ali no canto escuro

Era o fim, o muro

Escondia o raio de sol

Era além do agora

por que foi embora

por que não está?

Sentou-se à espera de respostas. Sua mente estava confusa. Não havia vizinhos ou quaisquer civilização ali perto. Então o que faria? Olhou de novo para o chão. Poderia contar os corpos para se distrair e achar uma saída. Mas para onde iria? Sabia o que de si mesma? Ouviu o cantar de um passarinho, verde com asas azuis, que espécie interessante. Ele cantarolava uma melodia que a fazia ter sono, muito sono...

Não! Não poderia dormir, deveria ficar vigilante, alguém poderia chegar e dar respostas. Vivera muito tempo aguardando respostas às perguntas que fazia a si mesma. Houvera um tempo feliz? Quem dera, a angústia sempre foi a sua companheira, desde criança.

Isso ela lembrava: quando ia pescar à beira do rio, perto de sua casa... Seu pai sempre pegava o peixe maior, tinha de fazer silêncio, mas era impossível. Seu pai não sabia que ela falava ou cantava para espantar as vozes... Ele sempre ralhava com ela: Quieta, vamos perder os peixes maiores, eles ouvem a gente de longe. Quieta! E ela ainda a tagarelava para escapar das vozes que a atormentavam e sempre diziam o que tinha de fazer.

Ali no canto escuro

Era o fim, o muro

Escondia o raio de sol

Era além do agora

por que foi embora

por que não está?

Naquele dia, a água estava límpida e os peixes beliscavam a isca, porém sempre escapavam. Ela cantava alto e seu pai já havia pedido várias vezes para que ficasse quieta. Ela ficou... As vozes foram falando e não houve como impedir.

Os bombeiros foram chamados. O corpo flutuava e a menina ficara sozinha. Era trauma da morte do pai? Ela não cantava mais. Escutava as vozes e fazia delas o seu mantra.

Logo a mãe desapareceu, foi encontrada meses depois enterrada no quintal. Não tinha irmão, muita sorte. Crescera em casas de apoio e fugia sempre, as vozes ajudavam. Ninguém podia pedir silêncio, não havia como parar, era seu destino... Tudo de novo, nada de novo!

Condenada aos cuidados de uma instituição psiquiátrica, ouvia as vozes que pediam justiça. Fizera justiça? Não sabia, porém os corpos diziam algo, ou seriam as vozes?

Finalmente fechara os olhos, as vozes foram embora. Ela descansaria e o destino enfim, no de repente da vida, aconchegava a alma triste e angustiada de quem não sabia o mal que fazia, mas que todo dia, insistia para deixar vir a escuridão e o sono, pois o sonho não haveria mais.

Cantaria de novo agora só por cantar, não tinha que espantar as vozes, só cantar e descansar, enfim... Havia o silêncio e a sua voz:

Ali no canto escuro

Era o fim, o muro

Escondia o raio de sol

Era além do agora

por que foi embora

por que não está?

Sei lá, sei lá...